

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ALINE RECHE THÖLKEN

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: CENTRO DE EVENTOS EM
UBIRATÃ-PR, UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO.**

CASCABEL
2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ALINE RECHE THÖLKEN

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: CENTRO DE EVENTOS EM
UBIRATÃ-PR, UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Projetual, como
requisito parcial para a aprovação na
disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Professor Orientador: Moacir José Dalmina
Júnior.

CASCADEL

2019

RESUMO

O presente trabalho aborda estudos com base em revisão bibliográfica, fundamentos arquitetônicos e análise de correlatos que servem de embasamento para o desenvolvimento projetual de um centro de eventos em Ubiratã - Pr, com o interesse de promover socialização entre a população por meio de espaços ativos de lazer, cultura e entretenimento que oportunize novas possibilidades de participação social aos munícipes, utilizando da arquitetura e seus espaços como meio de amenizar o grave problema de isolamento social que cresce a cada dia. Esse estudo teve início a partir do seguinte questionamento: A cidade comporta a ideia de receber um adequado centro de eventos, propondo por meio da arquitetura a necessidade de suprir um único espaço que envolva tanto o lazer, como a cultura e a socialização através da participação social, fazendo com que o município possa se desenvolver em aspecto social, intelectual, ambiental e educacional, tendo como demanda local e regional, podendo ainda, se tornar referência para as demais cidades? Partindo da hipótese, de que a cidade apresenta constante crescimento e aumento populacional, contendo poucos salões adequados para suprir a demanda necessária, assim empobrecendo o setor de lazer, entretenimento e afetando a socialização da população, pressupõe-se a necessidade de preencher uma área que ainda não é explorada na cidade. Com a implantação de um centro de eventos, com princípios de integração com o meio urbano, assim suprimindo a falta de uma estrutura adequada, podendo atender a demanda local e regional, utilizando da arquitetura um elemento de marco visual na paisagem urbana, atuando como valorização da identidade local, favorecendo no desenvolvimento da cidade, podendo ainda ser referência para as demais regiões. Como conclusão, o projeto traz ao município uma opção diferente para diversos usos, com a ideia de fornecer eventos simultâneos, com espaços de lazer, eventos, cultura e socialização, que visa trabalhar a arquitetura integrada ao contexto urbano, propiciando relações do edifício com o usuário, na intenção do espaço servir à sociedade, trazendo melhor convívio social e qualidade de vida a população.

Palavras chave: Arquitetura. Eventos. Integração. Socialização. Lazer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeiro Loteamento em Ubiratã, no ano de 1956.....	15
Figura 2: Mapa de Localização, Ubiratã - Paraná	16
Figura 3: FEMUBI – Festival de Música Ubiratã	18
Figura 4: Carnaval da Seringueira em Ubiratã	18
Figura 5: Apresentações em Homenagem ao Dia Internacional da Mulher	19
Figura 6: Preparação e Adaptação no Local da Expobira em Ubiratã	19
Figura 7: Tendas Montadas, na Expobira em Ubiratã	20
Figura 8: Necessidade de Acrescentar Banheiros Químicos, Expobira em Ubiratã.....	20
Figura 9: Espaço interno que eleva e atrai os usuários	34
Figura 10: Layout Espaço Plenário.....	36
Figura 11: Layout Espaço Linear ou Aberto	36
Figura 12: Perspectiva Externa do Centro Cultural Les Quinconces	41
Figura 13: Composição Volumétrica	42
Figura 14: Planta Baixa Subsolo 1.....	42
Figura 15: Planta Baixa Subsolo 2.....	42
Figura 16: Planta Baixa Térreo.....	43
Figura 17: Planta Baixa 1º Pavimento	43
Figura 18: Perspectiva Externa Centro Cultural de Eventos e Exposições	44
Figura 19: Implantação Centro Cultural de Eventos e Exposições	45
Figura 20: Planta Baixa Térreo.....	46
Figura 21: Planta Baixa 1º Pavimento	46
Figura 22: Pavimento Térreo: Portas Tipo Guilhotina Abertas.....	46
Figura 23: Sistema Estrutural	47
Figura 24: Estrutura, Cobertura e Portas Guilhotina	47
Figura 25: Perspectiva Externa Centro de Cultura e Juventude de Selçuk	48
Figura 26: Composição Volumétrica do Centro de Cultura e Juventude de Selçuk	49
Figura 27: Implantação do Centro de Cultura e Juventude de Selçuk	49
Figura 28: Planta Baixa Térrea.....	50
Figura 29: Planta Baixa 1º Pavimento	50
Figura 30: Perspectiva Praça do Centro de Cultura e Juventude de Selçuk.....	50
Figura 31: Localização da Cidade de Ubiratã no Brasil e no Paraná	52
Figura 32: Localização do Terreno e Análise Climática.....	53

Figura 33: Vista Leste, Testada Primária Avenida Ascânio Moreira de Carvalho	53
Figura 34: Vista Norte, Testada Secundária Avenida dos Pioneiros	54
Figura 35: Mapa Estudo de Acessos e Hierarquia Viária	54
Figura 36: Zoneamento Urbano.....	55
Figura 37: Perspectiva do Terreno com Dimensões, Desníveis Topográficos e Corte	56
Figura 38: Conceito de Elementos Semelhantes à Árvore.....	57
Figura 39: Fluxograma Geral	61
Figura 40: Fluxograma Subsolo	61
Figura 41: Fluxograma Térreo.....	62
Figura 42: Fluxograma 1º Pavimento	62
Figura 43: Plano de Massa Subsolo	63
Figura 44: Plano de Massa Térreo	64
Figura 45: Plano de Massa Primeiro Pavimento	65
Figura 46: Plano de Massa Segundo Pavimento	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Programa de Necessidades e o Setor: Cultural, Social, Serviço, Lazer e Evento 59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1.1 ASSUNTO/TEMA.....	9
1.2 JUSTIFICATIVA.....	9
1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	10
1.4 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE	11
1.5 OBJETIVOS DA PESQUISA	12
1.5.1 Objetivo Geral.....	12
1.5.2 Objetivos Específicos	12
1.6 MARCO TEÓRICO	12
1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	14
 2. FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
2.1 O MUNICÍPIO DE UBIRATÃ-PR	15
2.1.1 Histórico do Município.....	15
2.1.2 Características do Município	16
2.1.2.1 Dados Geográficos e Populacionais	16
2.1.2.2 Hidrografia e Clima.....	16
2.1.2.3 Vegetação e Solo.....	17
2.1.3 Eventos Locais	17
2.2 SURGIMENTO DE EVENTOS: DEFINIÇÃO E OBJETIVO	21
2.2.1 Classificação e Tipologia de Eventos.....	24
2.3 ARQUITETURA COMO SOCIALIZAÇÃO E LAZER PARA A SOCIEDADE	25
2.4 EVENTO E LAZER COMO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.....	27
2.5 ARQUITETURA COMO TRANSFORMAÇÃO DO ENTORNO	29
2.6 ESPAÇOS LIVRES, ORGANIZAÇÃO DA PAISAGEM JUNTO À EDIFICAÇÃO	30
2.7 ESPACIALIDADE ARQUITETÔNICA, A ARQUITETURA E O ESPAÇO	32
2.7.1 Funcionalidade e Flexibilidade nos espaços.....	36
2.8 ACESSIBILIDADE EM ESPAÇOS PÚBLICOS	38
 3. CORRELATOS E REFERÊNCIAS	41

3.1 CENTRO CULTURAL LES QUINCO	41
3.1.1 Análise Formal.....	41
3.1.2 Análise Funcional.....	42
3.1.3 Análise Construtiva	43
3.1.4 Análise do Correlato.....	44
3.2 CENTRO DE EVENTOS E EXPOSIÇÕES DE CABO FRIO.....	44
3.2.1 Análise Formal.....	45
3.2.2 Análise Funcional.....	45
3.2.3 Análise Construtiva	47
3.2.4 Análise do Correlato.....	48
3.3 CENTRO DE CULTURA E JUVENTUDE IZMIR SELÇUK.....	48
3.3.1 Análise Formal.....	48
3.3.2 Análise Funcional.....	49
3.3.3 Análise Construtiva	51
3.3.4 Análise do Correlato.....	51
 4. DIRETRIZES PROJETUAIS	52
4.1 TERRENO DE IMPLANTAÇÃO E ANÁLISE DO ENTORNO	52
4.2 CONCEITO E PARTIDO ARQUITETÔNICO.....	57
4.3 INTENÇÕES PROJETUAIS.....	58
4.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES E SETORIZAÇÃO	58
4.5 FLUXOGRAMA E PLANO DE MASSA	61
 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
 REFERÊNCIAS.....	69
 ANEXOS	79
ANEXO A – CONSULTA DO MACROZONEAMENTO URBANO.....	79
ANEXO B – CONSULTA DAS CONDICIONANTES DO TERRENO	80

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um embasamento bibliográfico servindo de base para o desenvolvimento da proposta arquitetônica de um Centro de Eventos, com intuito de propor espaços sociais, culturais, de lazer e entretenimento na cidade de Ubiratã - Paraná, buscando espaços adequados e ativos que oportuniza a socialização e o lazer para a população, através de ambientes com conceito de integração urbana, proveniente da arquitetura como elemento de marco visual na paisagem urbana, valorizando a identidade local. Este se insere na linha de pesquisa “Arquitetura e Urbanismo” e no grupo de pesquisa “GUEDAU: Estudos e Discussões de Arquitetura e Urbanismo”.

Assim, são nas cidades que ocorrem o processo de acréscimo, acúmulos de valores históricos e práticas sociais vividas pela população, para Fernandes (2004, p. 59), estas são como uma escola onde forma-se a sociedade.

É notável tamanha importância que um projeto de cunho social tem para a sociedade, o valor histórico e as melhorias sociais que esse traz. Tendo em vista, que o projeto de empreendido em Ubiratã, tem como foco principal na área da arquitetura social, é evidente a importância de espaços sociais, culturais, de lazer e entretenimento para a população, que são vistos como investimentos, pois incentiva a cultura local, atua como transformador da cidade, fornece participação e interação social, diminui o isolamento das pessoas fortalecendo o ato à cidadania e assim ocasionando melhor convívio social e qualidade de vida. Ainda, para Lerner (2011, p. 86-87) cidades que fornecem qualidade de vida, adquirem baixos índices de violência. Pensado em elaborar um projeto que visa propor relações do edifício com o usuário servindo à sociedade por meio da proposta de um centro de eventos, no qual será edificado sobre 3 pilares: Socialização, Lazer e Cultura para a população, fornecendo eventos simultâneos, assim valorizando a imageabilidade local e favorecendo o desenvolvimento do município.

1.1 ASSUNTO/TEMA

Proposta arquitetônica para a elaboração de um Centro de Eventos com o intuito de propor espaços culturais de socialização e lazer, implantado em Ubiratã-PR.

1.2 JUSTIFICATIVA

Ubiratã é uma cidade que tem vários setores que promovem, diversas vezes ao ano, feiras, eventos, desfiles, palestras, entre outros. Pelo seu constante crescimento a cidade necessita de espaços para fins sociais, culturais e de lazer, que possa abranger tanto o setor público, quanto o privado da cidade e demais regiões. Atualmente, os poucos salões que abrigam eventos da cidade, contam com antigas instalações e carente de infraestrutura adequada, com isso, é possível constatar que a falta dos mesmos empobrece o setor de lazer, entretenimento, afetando a socialização da população.

Busca-se proporcionar um projeto que atenda à necessidade da população, com áreas de socialização, realização de eventos, lazer e integração com a natureza, propondo espaços ativos que oportunize novas possibilidades de participação social aos munícipes. Para Moraes (2012) desde as antigas civilizações houve a preocupação da sociedade quanto à locais de convívio coletivo, apreciavam a interação social como produto de conhecimento. Assim, Eduardo e Castelnou (2007) relata ser essencial que edificações disponham de locais para se encontrar, debater e trocar ideias, onde exista a liberdade de expressão. Tendo em vista o sucesso obtido com centro de eventos em cidades de crescimento, enxerga-se a necessidade de preencher uma área que ainda não é explorada na cidade de Ubiratã.

Considerada essencial para a valorização cultural, Tavares e Costa (2013) afirma que, a arquitetura e a cultura estão ligadas e são fundamentais para a compreensão de fatos históricos locais, auxiliando o indivíduo em diversos conhecimentos de origem, do mundo e da cidade. Arquitetura é um elemento de impacto nas urbes e serve tanto como elemento de divergência entre a sociedade, quanto elemento de união, um centro de eventos tem o objetivo de promover áreas agradáveis de recreação, socialização, interação social e de união entre os usuários, pois atualmente um dos motivos de preocupação, é o isolamento social, que vem crescendo a cada dia, devido o grande desenvolvimento tecnológico. Conforme Silva; Silva (2017) um dos sentidos da interação social é desenvolver a vida social, pois o simples contato não garante que exista uma troca, sendo essencial estabelecer uma relação entre os indivíduos,

é indispensável que os mesmos interajam entre si. A promoção de sociabilidades é possível pela importância da interação social e das trocas sociais, responsáveis por diminuir o isolamento entre a população.

Para um bom desenvolvimento social e cultural, centros de eventos devem contar com espaços que possam ser aproveitados para atividades de criação, conhecimento, entretenimento, diversão, reflexão e lazer, desta forma, Freitas (2004) afirma que um dos meios que trazem a evolução econômica é o aspecto cultural e social do edifício, tendo em vista a falta de locais desse porte no município, o mesmo pode estimular ocupações privilegiadas no entorno. Ainda para Silva et al. (2011), o lazer contribui com mudanças morais e culturais de uma sociedade, ainda oferece ricas possibilidades de contribuições para a qualidade de vida. Assim, edificações devem ser criadas, para que a população sinta-se convidada a usufruir de seus espaços confortáveis, por meio da integração dos mesmos as áreas naturais. Segundo Abbud (2010), é de suma importância que pessoas possam esquecer a vida cotidiana e se deixar seduzir para uma vida mais natural, através de atividades em locais integrados com o meio natural.

Sendo assim, o projeto traz ao município uma opção diferente de espaço para eventos, de lazer e cultura, que visa trabalhar a arquitetura no contexto urbano, utilizando-se de suas ferramentas que remetem as pessoas a sentimentos de identidade, propriedade, familiaridade, fazendo a arquitetura como elemento de marco visual na paisagem urbana. Sem obter dimensões maiores as atuais do local implantado, mas que as pessoas que por ali circularem possa ser sujeitas a sentimentos e aceitação com o meio ambiente urbano.

1.3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Segundo Colin (2000) o papel de edifícios é acolher atividades, no qual deve ser situado em local adequado, atender às exigências e ser dimensionado para tal função. Sabendo que os salões de eventos existentes em Ubatuba-PR, mesmo que inadequados, são os principais elementos de importância para a socialização dos usuários, porém necessita de mudanças para além de suportar a demanda de usuários crescente dos últimos anos, melhor atender a população da cidade e região, propondo algo que vá além do tradicional, inovando e abrangendo a parte social, cultural de entretenimento e lazer da população.

A partir disso, tem-se como problemática o seguinte questionamento: A cidade comporta a ideia de receber um adequado centro de eventos, propondo por meio da

arquitetura a necessidade de suprir um único espaço que envolva tanto o lazer, como a cultura e a socialização através da participação social, fazendo com que o município possa se desenvolver em aspecto social, intelectual, ambiental e educacional, tendo como demanda local e regional, podendo ainda, se tornar referência para as demais cidades?

1.4 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

De acordo com a Prefeitura Municipal de Ubiratã (2018), a cidade apresenta números e estatísticas que comprovam seu crescimento e aumento populacional, contendo um crescimento do perímetro urbano, que nos últimos 9 anos, teve 25 novos bairros, diversos loteamentos e empreendimentos imobiliários. Conforme o IBGE (2017) a população estimada de Ubiratã no ano de 2018, é de 21.119 habitantes.

Partindo dessa informação, a cidade consiste em um aumento na demanda de saúde, educação e socialização da população. Então por meio, da implantação de um centro de eventos, pressupõe que Ubiratã pode comportar espaços festivos, sociais, culturais e de lazer, atendendo um grande número de pessoa local e da região, assim suprimindo a necessidade de espaços adequados para eventos, entretenimentos e convívio entre as pessoas, valorizando a participação coletiva, favorecer o desenvolvimento do município e a qualidade de vida.

Sendo assim, observa-se em Ubiratã inúmeras quantidades de eventos e comemorações anuais, porém sendo realizado em locais com infraestrutura inadequada e insuficiente para tal demanda, não possuindo espaços próprios para esse fim, por isso é evidente a importância da criação de um centro de eventos, que suporte tal necessidade, assim melhorando os momentos festivos, por meio de diferentes atrativos, ampliando a diversificação do público, incentivando a cultura local e a interação com o meio, de forma à proporcionar socialização e aproximação das pessoas através da diversidade de eventos, assim diminuindo o problema de isolamento social que cresce a cada dia, devido ao grande desenvolvimento tecnológico, utilizando a arquitetura como referencial físico e visual para as pessoas que ali circulam, agregando para o município se tornar cada vez mais valorizado, podendo ser referência para as demais regiões.

Referente à morfologia urbana, Lamas (2000) afirma que atualmente, devido o constante crescimento e as transformações, as cidades necessitam de readequação de áreas urbanas, por meio de novos usos que atuam como transformação na forma e na imagem da cidade, sendo de extrema importância a criação de espaços de socialização e cultura, para a melhor qualidade de vida e conforto da população.

1.5 OBJETIVOS DA PESQUISA

Os objetivos a seguir nortearão a pesquisa, de modo a promover um projeto que visa à criação de um centro de eventos, com espaços de lazer, entretenimento e cultura, que proporcionem socialização e aproximação das pessoas, integrando a edificação com o meio urbano e as áreas naturais, valorizando a identidade local, fazendo da arquitetura um elemento de marco visual na paisagem urbana de Ubiratã.

1.5.1 Objetivo geral

Elaborar uma proposta teórica e projetual de um Centro de Eventos com o intuito de propor espaços culturais de socialização e lazer em Ubiratã-PR.

1.5.2 Objetivos específicos

Desenvolver pesquisa bibliográfica referente ao tema;

Pesquisar por meio de fundamentos teóricos, sobre a arquitetura como socialização e lazer;

Analisar o terreno para a inserção do projeto, a fim de proporcionar integração com o meio e socialização entre os usuários;

Elaborar um programa de necessidades funcional ao tema proposto;

Pesquisar obras correlatas que possam servir de referência para o projeto;

Realizar uma proposta arquitetônica, embasada nas pesquisas teóricas.

1.6 MARCO TEÓRICO

Para Okamoto (1996) a arquitetura fornece equilíbrio e harmonia entre os usuários e as atividades ali realizadas. A arquitetura está ligada ao conteúdo social, para Colin (2000, p. 103) antes de criar um edifício é necessário que a sociedade precise dele, e que ele tenha uma função para cumprir, logo, dimensionado de acordo com sua função. Colin ainda complementa que a arquitetura como qualquer outro meio de comunicação, transmite emoções, confiança, poder, apreensões e fantasias. Comunicações estas, que tocam a sensibilidade humana, convidam o indivíduo à contemplação e a observação de suas formas, à textura das paredes, ao jogo de luz e sombras, às cores e à sua leveza (COLIN, 2000).

A arquitetura está presente no cotidiano da vida humana mais do que qualquer outra manifestação artística. Como argumenta Zevi (1978) o ser humano é apto a fazer escolhas, mas jamais é possível fechar os olhos para as formas dos locais onde habitamos. Estabelecimentos como centro de eventos, são edifícios de grande função representativa para a população, tornando-se um marco arquitetônico da cidade, contribuindo no enriquecimento do patrimônio cultural e social da nação (MILANESI, 2003). Sua arquitetura vai além de uma simples obra com materiais e formas, tem a função de construir a paisagem da cidade, sendo cenário do dia a dia das pessoas, abriga e representa uma atividade, é uma expressão social, cultural e significativa para a sociedade (COLIN, 2000).

Conforme Corbusier (1993) além de espaços amplos e organizados, os centros de eventos têm a função de embelezar a cidade, tem o útil papel de oferecer várias opções de atividades saudáveis e entretenimento a população, como, teatros, concertos ao ar livre, passeios, outros eventos. Além disso, Lucio Costa (1995) afirma que, a intenção plástica se torna presente na obra arquitetônica, isso é o que a distingue da simples construção. A beleza é uma função final da obra, pois o objetivo primordial é sua funcionalidade e adaptação ao programa de necessidades, logo, embelezando a paisagem.

No sentido mais amplo da palavra, edificações são como sonhos ocultos de todos, os de cunho social e cultural são fundamentais para obter espaços urbanos fluídos e conectados com a população, ocasionando melhoria das condições de vida em termos de espaço físico e melhores condições de relacionamento do homem com o espaço em que vive (RIBEIRO, 1986). As cidades que fornecem qualidade de vida, adquirem baixos índices de violência, como consequência edificações que contém espaços adequados para a socialização, lazer, cultura e para o desenvolvimento educacional da população são vistos como investimentos estáveis, oferecendo melhores condições de vida (LERNER, 2011).

Propiciar interações e trocas sociais entre os indivíduos são algumas das funções de um centro de eventos, conforme Melo Neto (2000), o mesmo também pode fornecer lazer e entretenimento, ou ainda servir para conscientizar e informar o usuário, motivar e fortalecer o ato de exercer a cidadania, comemorar feitos, celebrar festas, recordar fatos, datas cívicas, assim como propagar realizações e trabalhos, desenvolver a cultura, a arte e a tecnologia.

Miranda (2001) afirma que, espaços de lazer também devem ser valorizados como momentos culturais. Na área cultural e social, o edifício Sesc - São Paulo é um dos nomes mais respeitados do país, a partir disso, entende-se que cidades devem propor espaços não só de atividade econômica como o trabalho, cultura ou habitação, mais necessita também de

espaços destinados ao lazer, onde as pessoas possam passear e se divertir. Assim, o lazer é considerado para, Lira Filho (2001), uma necessidade humana, podendo ter papel fundamental na vida de uma sociedade, possibilitando utilizações variadas através de diferentes tipos de lazer, sendo contemplativo, recreativo, social, esportivo e cultural, todos trazem melhorias consideráveis na qualidade de vida humana.

1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa se constitui em metodologias embasadas por meio de pesquisas bibliográficas com caráter exploratório referente ao tema projetual de um centro de eventos: um espaço cultural de socialização e lazer, para a população Ubiratanense e região. Em forma de pesquisa bibliográfica, a pesquisa exploratória para Gil (1999), tem a finalidade de modificar, esclarecer e desenvolver ideias e conceitos, familiarizando o pesquisador com o assunto interessado.

A elaboração de pesquisa bibliográfica ainda trata-se de coleta de informações, seleção de dados e levantamentos de materiais já publicados que tenham conhecimentos associados ao tema abordado, por meio de pesquisas em fontes seguras, através de livros, jornais, revistas, teses, monografias, dissertações, meios de comunicação, internet, que auxiliam no desenvolvimento do trabalho (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Posteriormente, o levantamento de informações bibliográficas, busca-se realizar o desenvolvimento projetual que segundo Righetto (2007), ocorre pela harmonia de unir os elementos arquitetônicos, primeiramente define-se do programa de necessidades, seguido por croquis representados no terreno adotado, solucionando a ideia com o partido e o programa proposto. Então, iniciam-se estudos em dimensões, escala e meios de comunicação do projeto, conhecido por anteprojeto. Para conclusão, o projeto executivo deve ser elaborado de forma clara, por meio de desenhos técnicos, memorial, tabelas e especificações, a fim de alcançar o edifício construído, com qualidades espaciais, funcionais, técnicas e formais, que possa atender toda a população local e regional, de maneira à agregar e valorizar cada vez mais a imagem do Município.

2 FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo, por meio de embasamentos teóricos, serão abordados conteúdos, conceitos, contextualizações e informações necessárias pertinentes ao tema proposto, com a finalidade de sustentar e formar a base teórica para o desenvolvimento do projeto arquitetônico de um novo Centro de Eventos no município de Ubatã - Paraná.

2.1 O MUNICÍPIO DE UBIRATÃ-PR

2.1.1 Histórico do Município

Os primeiros habitantes que chegaram na região, foram da tribo indígena Kaingangues, onde ocupou às margens do rio Carajá em Ubatã. Em seguida, a região foi povoada por europeus. Em 1954, a Imobiliária Noroeste do Paraná (Sinop) adquiriu terras na Gleba Rio Verde, passando a colonizar o território através do auxílio de topógrafos e engenheiros de Ibiporã, que contrataram mais de 200 homens para iniciarem as construções em plena mata nativa (SPERANÇA; SPERANÇA E CARVALHO, 2008).

Construíram segundo o IBGE (2017), um acampamento e um campo de pouso, em seguida o escritório, no qual produziam projetos e discutiam ideias, como prioridade as necessidades dos colonizadores, foi construído um hotel, uma escola e uma capela.

Em 1956, a Sinop e sua equipe de planejamento imobiliário, conforme Sperança; Sperança e Carvalho (2008), deram início ao primeiro loteamento (figura 1) com acesso à água e estradas que interligavam outras regiões. Conforme a Lei Estadual nº 3344/57, de 20 de setembro de 1957, a Vila Ubatã foi designada como distrito administrativo e judiciário.

Figura 1 - Primeiro Loteamento em Ubatã, no ano de 1956



Fonte: Sperança; Sperança; Carvalho (2008)

Devido seu constante desenvolvimento, com solo fértil e clima propício para plantações, Ubitatã recebeu moradores de diversas regiões, tornando o local mais populoso. Como resultado, a vila se tornou município de Ubitatã, de acordo com a Lei nº 4245, de 25 de julho de 1960, decretada pelo governador do Paraná, Moisés Lupion. A palavra Ubitatã, de origem indígena tupi-guarani, significa “madeira dura”, devido à abundante quantidade de mata fechada na época (SPERANÇA; SPERANÇA E CARVALHO, 2008).

2.1.2 Características do Município

2.1.2.1 Dados Geográficos e Populacionais

O município de Ubitatã localiza-se na região Sul do Brasil, no Centro-Oeste do Paraná (figura 2), considerada uma região em constante desenvolvimento, chega à extensão territorial de 655.845 km², distribuídas em área rural com 67 mil hectares e área urbana com um perímetro de 569 hectares. Conforme o IBGE (2017) Ubitatã contém uma população estimada, de 21.558 habitantes e densidade demográfica de 33.03 hab/km².

Figura 2 - Mapa de Localização, Ubitatã - Paraná



Fonte: Google Imagens (2018)

2.1.2.2 Hidrografia e Clima

Segundo a Prefeitura Municipal de Ubitatã (2008), o município possui diversos córregos, que deságuam nos rios, onde o principal rio de Ubitatã é o Piquiri, com extensão de 560 km, profundidade média de 5 metros e largura de 140 metros até o curso final. Piquiri, na língua nativa, significa rio de muitos lambaris, no qual atrai diversos turistas devido à pesca e as ilhas existentes. O clima é subtropical úmido, a cidade possui na maior parte do ano altas temperaturas, com verões quentes e poucas geadas. A concentração de chuvas acontece nos

meses de verão, sem estação de seca definida. A temperatura média nos meses mais quentes é superior a 22°C e nos meses mais frios, a temperatura mínima ultrapassa 7,5 °C.

2.1.2.3 Vegetação e Solo

A região é recoberta por Mata Tropical, com diversas espécies de árvores, como peroba, cedro, canela, jacarandá. Na Gleba Rio Verde havia grande variedade de espécies nativas, como palmitais, urtigão, figueira branca, jangada, jaborandi pintado e outras que foram derrubadas para dar lugar à agricultura de café, soja, trigo, além de outras culturas (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBIRATÃ, 2008). Seu solo de terra roxa possui boa fertilidade, destacada como potencialidade para a área de agricultura familiar, resultando em generosas produções de milho e soja, base de sua economia, gerando em média, um PIB per capita de R\$ 33.655,35. Mas o ramo da avicultura também está em ascensão e, conseqüentemente, o comércio da região vem se beneficiando (IBGE, 2017).

2.1.3 Eventos Locais

No Brasil, são realizados mais de 400 mil eventos anuais de diversos tipos, seja em formato de congresso, feira, exposição, convenção, entre outros, tendo um potencial de atrair milhares de turistas para o país (RIBEIRO, 2016). O setor de eventos apresenta rápido e alto crescimento, cerca de 7% ao ano, para Giacaglia (2010), são em média 33 mil eventos por mês, cerca de 1.100 por dia, contando com eventos “oficiais”. Para concluir, Weber (2002), afirma que cada vez mais, eventos se tornam essenciais, a cada ano crescem em número, grau de sofisticação e em proporção.

Os eventos estão por toda parte, em diversos meios de comunicação, em programações diárias abordando todas as categorias de assuntos, oferecendo eventos religiosos, de moda, de negócios, esportivos, culturais, sociais, entre outros. Atualizando as pessoas por meio das divulgações em rádios, emissoras de televisão, manchetes de revistas, jornais e por meio da internet. Dessa forma evento é concebido como um instrumento para atingir determinado objetivo a comunicação, logo se considera evento como o melhor e maior gerador de conteúdo para a mídia (MELO NETO, 2000).

A humanidade se depara com inúmeros acontecimentos em várias ocasiões da vida, como batizados, aniversários, casamentos e formaturas. Contudo, existem eventualidades de dimensões diferentes, que envolvem a vida em sociedade como carnaval, festa junina, shows,

assim como eventos de caráter profissional, sendo congresso, seminário, entre outros. Enfim, os eventos habitam a vida dos seres humanos (GIACAGLIA, 2008, p. 3).

Em Ubiratã são realizados diversos eventos sociais, culturais e artísticos: festivais musicais, como o FEMUBI – Festival de Música em Ubiratã (figura 3), shows nacionais, casamentos, desfiles, datas comemorativas, apresentações teatrais, feiras de exposições, palestras, reuniões, projetos de danças, entre outros, com tantos acontecimentos o município não possui espaço próprio, com infraestrutura adequada para esses tipos de atividades (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBIRATÃ, 2018).

Figura 3 - FEMUBI - Festival de Música Ubiratã



Fonte: Prefeitura de Ubiratã (2017)

O Carnaval da Seringueira (figura 4) agita Ubiratã com um grande evento, em 2019 ocorreu à sétima edição dessa festa que contagia a população Ubiratanense e participantes de toda a região, comemorações que acontecem em vários dias, com shows, bailes noturnos e matinês, onde os blocos carnavalescos se reúnem na Praça Horácio José Ribeiro para festejar o carnaval (CIDADE PORTAL, 2017).

Figura 4 - Carnaval da Seringueira em Ubiratã



Fonte: Prefeitura de Ubiratã (2019)

Outros, festivais e diversas apresentações são realizados, como: Apresentações da Semana Cultural, Comemorações do Dia Internacional da Mulher (figura 5), entre outros

eventos, que são realizados no Anfiteatro do Colégio Estadual Carlos Gomes, local que não contém infraestrutura adequada para receber a demanda local (UBIRATÃ ONLINE, 2018).

Figura 5 - Apresentações em Homenagem ao Dia Internacional da Mulher



Fonte: Prefeitura de Ubatã (2018)

A Expobira é outro evento de grande porte, considerada uma importante festa da família ubiratanense, sendo referência dos grandes eventos estaduais, recebendo lotação extrema de pessoas todos os dias, reunindo pessoas de diversas cidades vizinhas, o evento ocorre em quatro dias, proporcionando ao público muita diversão, lazer, entretenimento e emoção através de grandes shows musicais com artistas de renome nacional, rodeio, parque de diversão, praça de alimentação e múltiplas feiras de exposições, com exposição da indústria, comércio, agropecuária, veículos, equipamentos, flores, dentre outros. No qual é realizado nas dependências da Sociedade Rural de Ubatã, sendo um recinto destinado a Parques de Exposições de Ubatã (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBIRATÃ, 2018). Percebe-se pela (figuras 6), que só é possível à realização do evento, se houver a preparação por meio de adaptações locais, construções de espaços acessíveis.

Figura 6 - Preparação e Adaptação no Local da Expobira em Ubatã



Fonte: Ubatã Cidade Portal (2017)

Ainda, como o evento ocorre a céu aberto, é preciso instalar palcos para shows e tendas, como mostra a (figura 7), espaços cobertos que não são suficientes para atender a demanda populacional que o evento recebe.

Figura 7 - Tendas Montadas, na Expobira em Ubatã



Fonte: Ubatã Cidade Portal (2017)

O local carece de quantidade de instalações sanitárias, sendo preciso adaptar o espaço adicionando grande quantidade de banheiros químicos (figura 8), ou seja, o local onde é realizado esse importante evento para o Município, não contém completa infraestrutura para atender a grande presença dos participantes.

Figura 8 - Necessidade de Acrescentar Banheiros Químicos, Expobira em Ubatã



Fonte: Ubatã Cidade Portal (2017)

Outro evento importante é a festa do aniversário do Município, realizada todos os anos ocorrendo diversas programações, entre elas, o tradicional almoço típico onde o prato principal é o “Leitão à Campestre”, festa realizada em um Salão Paroquial, da Igreja Matriz, que não possui infraestrutura adequada para tal proporção, sendo preciso à instalação de tendas ao seu redor, para que as pessoas possam usufruir do evento (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBIRATÃ, 2018). Entre outros, diversos eventos existentes que a cidade realiza anualmente. Conclui-se que pelas ilustrações, é notório que o Município necessita de uma estrutura adequada para festas, comemorações, festivais, e eventos em geral. A

implantação de um Centro de Eventos servirá de apoio para os eventos já existentes na cidade e ainda, irá incentivar a atração de novos eventos no município.

2.2 SURGIMENTO DE EVENTOS: DEFINIÇÃO E OBJETIVO

Desde as primeiras civilizações, quando os homens começam a se agrupar, existe a necessidade de se comunicar. No período paleolítico, a acomodação dos povoados em territórios, acontecia por meio da organização de encontros, reuniões e eventos, com a finalidade de realizar festividades, comemorar conquistas, trocar ideias e discutir opiniões, ocorrendo à evolução de eventos em âmbito cultural, social e crítico (MOUMER; SANTOS, 2012). Assim, como nômades a humanidade nas sociedades antigas, mostrava intenso interesse por viver situações de descobrimentos, buscando melhores condições, descolando-se de um território a outro (GOIN; LOVIZON, 2010).

Pela prática do homem de criar, que surge o evento, para Souza Júnior (2016) é um ato organizado, que busca atingir objetivos específicos, como: religioso, cultural ou social, com o intuito de propor interação dos participantes, estabelecidos na sociedade há bastante tempo, com o objetivo de expandir os relacionamentos e o tradicionalismo do cotidiano. Registros antigos relatam em forma de desenhos rupestres pessoas reunidas em encontros religiosos, assim imagina-se que a pré-história mantinha seus locais e práticas de eventos.

Conforme Rotta (2008) a Santa Ceia, para alguns é considerado o primeiro grande evento da história, porém, já existiam eventos de maneira primitiva, na pré-história. Ainda acrescenta Benevolo (2001), que evento teve início ao ser realizado em torno de uma roda de fogo ou dentro de uma caverna. Contudo, com a evolução da tecnologia, da arquitetura e das cidades, cada vez mais o homem desenvolveu espaços mais adequados e qualificados para seus eventos, tais como locais de adoração no Egito antigo, locais de discussões políticas na Grécia, arenas esportivas no Império Romano, mesas redondas no período Medieval e até mesmo salões de encontros em palácios do período Clássico.

Conforme Matias (2007), o primeiro evento organizado aconteceu na Grécia Antiga, em 776 a.C. com a realização dos Jogos Olímpicos. Devido ao sucesso passou a ser realizado periodicamente. O primeiro acontecimento realizado no Brasil, em local apropriado para a realização de eventos, foi um Baile de Carnaval, em 7 de fevereiro de 1840. Ainda, Coutinho (2010) relata, que no século XIX, um inglês chamado Thomas Cook, participante de um grupo religioso, promovia eventos com intuito de reunir diversos povos. Por meio dele,

surgiram os primeiros eventos, em razão de levar essa prática de estimular os indivíduos a se deslocarem de seus territórios para participar de encontros.

Conforme afirma, Freiburger; Oliveira (2012) a Revolução Industrial trouxe diversas mudanças na sociedade, no qual refletiram também na situação e na forma de execução dos eventos, surgindo assim os eventos técnicos e científicos, que uniu às ciências sociais e exatas. Conforme Monasterio (2006), o Palácio de Cristal, construído em Londres, no ano de 1851, foi o primeiro pavilhão de feiras e exposições do mundo, seu marco foi à utilização do ferro e vidro. Considerado um dos edifícios mais revolucionário e inovador de todos os tempos, para Benevolo (2003) o “Partenon”¹ do período industrial, foi à primeira construção que utilizou o princípio pré-fabricado, planejado para ser construído o mais rápido possível, com materiais modernos e novos métodos de projeto e execução. Com isso, segundo Britto e Fontes (2002), o século XX teve uma impulsão econômica devido à contribuição dos eventos, gerando mais empregos e movimentação econômica.

De acordo com Matias (2007) no Brasil a realização de eventos surgiu anterior à chegada da Família Real, com feiras ao ar livre, seus traços eram semelhantes às da Idade Média, onde vendiam os produtos em barracas. Ao decorrer dos anos, as feiras foram sendo aperfeiçoadas até obter a estrutura das atuais, que ocorrem em grandes pavilhões. Na Idade Média, as feiras são os eventos mais importantes, para Meirelles (2003), tinham a ideia de expor produtos manufaturados ou cultivados, objetivando o cliente adquirir o produto. Considerado um dos dez maiores realizadores de eventos no mundo, o Brasil ocupa a terceira posição no ranking de eventos, sendo o vigésimo primeiro colocado em propor encontros internacionais. Algumas cidades brasileiras vivem da atividade de eventos (NAKANE, 2000).

Assim, evento é um acontecimento tanto generalizado, conforme o dicionário Priberam (2013), sua definição em geral é “acontecimento, fato, sucesso, êxito”, ou seja, qualquer variedade de acontecimento é tido evento. Ainda, para Martin (2007), evento é todo fato inesperado que envolve o ser humano ou o espaço em que as pessoas estão inseridas, mas, existe uma ampla abrangência e uma série de possibilidades para esse fim, sendo considerado desde um comum encontro particular rotineiramente até um grande evento como a “Copa do Mundo de Futebol”, contendo uma multidão de pessoas. Ainda para Meirelles (1999), qualquer evento é considerado uma forma de reunião, e reunião designa-se como o embrião

¹ Partenon obra consagrada como templo de Atenas, construído no século V a.C., com 2500 anos é modelo clássico de perfeição da arquitetura grega, a maior construção da Acrópole de Atenas, concebida com um alto nível de criatividade humana, é dedicado à Deusa Atenea, a maior das deusas da Grécia antiga. Tornou-se um ícone de toda a civilização ocidental, uma das maiores obras de arte de todos os tempos.

de todas as variedades de eventos. Refere-se ao encontro de duas ou mais pessoas, com a finalidade de debater e solucionar questões relacionadas a qualquer assunto.

Conforme Fortes; Silva (2011) evento se define por atividades sociais e econômicas que, nascida com a sociedade, segue a evolução da população, criando características distintivas de cada época histórica. Essas comemorações provocam encontros entre a população, uniões culturais, festivas e afetivas, assim, pessoas demonstram seus sentimentos e felicidades em razão de festas e atividades comemorativas. Para Spada (2013) a realização de eventos acolhe a ideia de que é imprescindível propor algo relacionado ao entretenimento, lazer, diversão, conhecimento, descanso, entre outros incentivos.

Evento é entendido como uma celebração formal, que abrange uma aglomeração de indivíduos em uma determinada data e local programado, tem como propósito obter acontecimentos significativos de âmbito social, cultural, familiar, entre outros. (ZANELLA, 2006). Além disso, denomina-se como um acontecimento estrategicamente planejado, que coincide em um mesmo tempo e lugar, tendo a função de atrair pessoas (SENAC, 2000). Ainda, para Veloso (2001) evento constitui-se como meios de estabelecer a comunicação entre pessoas e públicos de organizações governamentais ou privadas.

Locais amplos são propícios a receber grande concentração humana, para reunir pessoas, debater assuntos de diversos meios, oferecendo uma infraestrutura de qualidade, com espaço físico pensado no melhor conforto dos usuários (GABRIEL; IKEDA, 2007). Ainda, para Giacaglia (2006), espaços estes, tem a função de ampliar a esfera dos relacionamentos inseparáveis de convívio familiar, na escola, no trabalho ou no lazer, a fim de tornar mais frequente esses momentos em família, sendo um modo de quebrar a rotina.

Pessoas vivem diariamente ações rotineiras, difíceis ou estáveis, árduas ou entediantes, portanto Melo Neto (2007) afirma que, para enfrentar a realidade necessita da participação em eventos, pois experiências vividas em um evento atribuem ao público surpresa, emoção, diversão e satisfação, abrigando o ser humano, estabelecendo a opinião de que vale à pena sair da rotina, pelo espetáculo ter sido único.

Acontecimentos que reúnem pessoas de diferentes meios permitem a interação social com interesses em comum, evento deriva-se da ideia, criação, da ampla capacidade humana de fazer algo existir, se tornar real. Nasce da necessidade própria ou de ambos de unir pessoas e partilhar sentimentos, conhecimentos, emoções, técnicas, entre outros (GONÇALVES, 2001). Acontecimentos esses que, para Zanella (2006), ocasionam fortes emoções aos participantes e organizadores, fortalecendo os vínculos de caráter profissional e pessoal.

Cerimônias são acontecimentos que mexem profundamente com o sentimental das pessoas, quanto mais bem organizado, planejado e esbelto for o evento, mais marcante e durável fica nas recordações dos indivíduos (MEIRELLES, 1999). De acordo com o contexto, Costa (2009) afirma que evento proporciona ao público experiências únicas, permanecendo gravadas para sempre na lembrança do indivíduo.

Após a compreensão dos autores citados, pode-se concluir a importância dos eventos na vida das pessoas, tendo em vista que desde os primórdios os eventos se tornam peças fundamentais para a evolução e a socialização dos indivíduos, com base nesses relatos a implantação do projeto, busca o foco em uma arquitetura social com o objetivo de continuar valorizando esses encontros, de forma a aumentar suas ocorrências na cidade de Ubiratã.

2.2.1 Classificação e Tipologia de Eventos

Independentemente da sua condição e sua intenção, evento é um meio de entretenimento. Na qual pode variar, de evento para evento, são os métodos programados usados para ligar, entretenimento às atividades sociais, no caso de eventos sociais, entretenimento a esporte, eventos esportivos, entretenimento a arte, eventos artísticos, e assim por diante. É a soma do conceito com a atividade abordada (MELO NETO, 2000).

Evento conta com diversas formas de classificações e modalidades em relação a sua natureza, área, data, localidade, dimensão, perfil dos integrantes, entre outros. (ZANELLA, 2003). Contudo, Andrade (1999) anexa outra modalidade, devido a sua abrangência, podendo ser: mundial, internacional, nacional, regional, municipal e local. Concluindo essas diversidades Nakane (2000) afirma ainda que eventos podem ser classificados:

- Quanto à categoria, sendo classificados em: institucional, promocional (comerciais);
- Quanto à classificação por área de interesse: científico, artístico, político, educacional, empresarial, folclórico, governamental, cívico, turístico/lazer, beneficente, religioso, desportivo, cultural e social;
- Classificação por tipo: seminário, feira, congresso, fórum, exposição, show, festival, reunião, convenção, assembleia, desfile, congresso, casamento, aniversário.

Para Britto; Fontes (2002) a dimensão de evento é classificado por características estruturais, chega desde porte pequeno, com público de 200 integrantes; à um porte médio, público entre 200 a 500 integrantes; até um porte grande: público superior a 500 participantes.

As categorias de eventos mais empregadas são, por órgãos públicos, empresas privadas e entidades, podendo ser difundido em eventos abertos e fechados, conforme a teoria e visão da autora Cesca (1997):

- Eventos abertos: são eventos destinados ao público em geral, onde qualquer indivíduo pode participar, como, shows públicos, feiras, congressos, exposições.
- Eventos fechados: o público participante do evento é definido, onde a pessoa é convidada a participar, como, reuniões, casamentos, aniversários, festas institucionais.

Diante da pesquisa, analisando os interesses de uso comum, é possível observar a carência em espaços de uso exclusivo para caráter social, expositivo, empresarial e lazer em Ubitatã. Conclui-se que a cidade precisa de um centro de eventos, que possa atender múltiplas classes e eventos, adotando à categoria institucional e promocional, quanto à área de interesse e tipologias, como: eventos sociais: formatura, baile, cerimônia, aniversário, confraternização; e eventos institucionais: debate, palestra, convenção, reunião, exposição, festival, show, feira. Com a intenção de projetar um espaço de eventos, que atenda diversos eventos de pequeno, médio à grande porte para o município e região, através de ambientes internos e externos que sejam funcionais e não agrida o meio, mais sim, possibilite uma identidade do espaço com o usuário, adquirindo a relação de conexão e integração de ambos.

2.3 ARQUITETURA COMO SOCIALIZAÇÃO E LAZER PARA A SOCIEDADE

O princípio da arquitetura, para Glancey (2001) se deu quando a humanidade passou a cultivar seu próprio alimento, deixando de ser nômade, criando suas moradias em locais fixos. As primeiras cidades foram criadas e desenvolvidas, com a finalidade de satisfazer as necessidades dos habitantes, oferecendo não apenas moradias, mais trabalho e lazer. A cidade grega mantinha características de harmonia social e convivência em comum, conforme Benevolo (2003) isso trouxe quatro qualidades: limite de crescimento, unidade, equilíbrio e articulação. Essas qualidades serviram de modelo universal, transformando o espaço da cidade em três zonas: área privada: para habitações; área sagrada: santuários e templos; e área pública: determinada ao encontro de pessoas políticas, ao lazer, entre outros. Com isso, no século XIX, priorizou-se a necessidade de oportunizar espaços adequados de esfera social e de lazer, espaços que se tornaram produto industrial das cidades, evoluindo o campo urbanístico e os valores sociais e culturais da sociedade (MACEDO; SAKATA, 2003). Então, foi no século XX que o lazer e o urbanismo foram valorizados nas urbes, se tornando espaços

de extrema importância para o habitante, suprimindo a falta do lazer nas cidades, assim complementando com habitação, trabalho e circulação (ROBBA; MACEDO, 2010).

Logo, com as horas livres de trabalho o lazer se destaca, para Dumazedier (1999), dando início a sociedade moderna. Com o aumento do tempo livre e a redução das horas trabalhadas, os espaços livres para Corbusier (1993) passam a ser criados e sustentados como uma necessidade de saúde pública, sendo espaços adequados às recreações, abrigando toda a coletividade. A carência desses espaços, para Rolnik (2000) além de danificar as cidades, ocasiona um intenso estresse à população, pois o estresse ocorre devido à falta de qualidade de vida. Conforme, Marcellino (2002) o lazer envolve o descanso e o divertimento, mais também tem grande importância no desenvolvimento pessoal e social do ser humano.

Para Dumazedier (1976), o lazer é como um conjunto de atos onde o usuário se entrega à diversão e ao entretenimento através de sua participação social, após cumpridas as obrigações profissionais ou familiares. Camargo (1989), define como qualquer atividade gratuita e prazerosa que não seja profissional, atividade estruturada por cinco fundamentais áreas de interesses, sendo elas: os interesses artísticos: envolve emoções e sentimentos, estética e encanto; os interesses intelectuais: prioriza o conhecimento, à informação e ciência; os interesses físicos: engloba atividades de movimentos, exercício físico; os interesses manuais: por meio da utilização, manuseio e transformação de materiais; e os interesses sociais: que incentiva a interação e a convivência entre a sociedade.

Seja em esfera recreativa, cultural ou para grandes eventos, o lazer possui inúmeros significados, sua classificação no Brasil é dividida em três setores: os recreativos que engloba atividades de descanso e o uso da imaginação; os culturais direcionados ao conhecimento e à arte e ainda, os esportivos (ANJOS, 2007). O lazer é visualizado por espaços e edifícios mais humanizados e sociáveis, espaços públicos que contém um importante instrumento, a antiexclusão, ocasionando a interação e o contato social da população (ROLNIK, 2000). Considerado um fenômeno social, o lazer está ligado à linguagem das pessoas e passa a ser vivenciado na vida diária da população (MELO; ALVES JUNIOR, 2003). Ainda, usado como forma de transformar a sociedade, é um forte colaborador em deixar o meio social mais inclusivo e humano (GOMES; ELIZALDE, 2012).

Por meio disso, Gurgel (2005) afirma que atualmente a sociedade requer espaços que envolvem a coletividade e valorizam a convivência social. Vistos como um direito do cidadão modifica o meio coletivo, sendo um importante instrumento de organização social, pois propaga ações de união (STOPPA, 2007). De grande valor expressivo, o lazer atua ainda, em

âmbito físico e psicológico, como meio terapêutico previne possíveis doenças, vinda das cansativas rotinas de trabalho que a população enfrenta (ANJOS, 2007).

Conforme Bahia et al (2008) a maioria das cidades, não dispõem uma quantidade e qualidade satisfatória de espaços de lazer que acolhem a população. Além disso, os poucos espaços destinados para a comunidade, não possuem manutenção, são privatizados pelo poder público, devido as constantes danificações e a falta de conservação dos usuários para com o espaço, causando a ausência de integração social, afetando a sociabilidade dos cidadãos. Através de ambientes interativos, espaços de eventos e praças integradas há o incentivo a redução de inúmeros problemas sociais. Segundo (PINTO et al, 2012), esses espaços e atividades, resgatam a vontade de cada ser humano viver em uma sociedade mais igualitária, despertando a inclusão e socialização.

Segundo Macedo (1995) espaços públicos destinados ao lazer oferecem expressivas paisagens, que permitem o cidadão percorrer apreciando o cenário que visualiza no exterior. Espaços verdes e vazios urbanos, públicos ou privados estão relacionados às atividades de lazer, incluindo parques, centro de eventos, entre outros (PELLEGRIN, 1999).

Visto a importância dos espaços de lazer para a evolução das cidades, em âmbitos de sociabilidade, qualidade de vida e a diminuição de problemas de isolamento social, decorrente à ausência de espaços e pontos atrativos que priorizem esse fim no município, busca-se com o projeto uma interação do edifício com entorno e o cidadão, tornando a edificação um elemento de união, com o objetivo de abrigar a coletividade, através de espaços mais inclusos, humanos e sociáveis, de forma a preencher parte dessa área desfalcada, assim agregando para o desenvolvimento e valorização do município, sendo referência para as demais regiões.

2.4 EVENTO E LAZER COMO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Evento é um fenômeno de inúmeras dimensões, são meios de “alavancar” o entretenimento, o lazer, a cultura, transforma a sociedade através da sociabilidade, educação, mobilização e conscientização de grupos. Eventos são capazes de inovar, criar e recriar. Acontecimentos não são mais simplesmente fatos, atuam como agentes transformadores da sociedade (MELO NETO, 2000).

Com amplo crescimento, o setor de eventos agita cerca de 45 bilhões de reais por ano, contendo no Brasil mais de 1.780 espaços para à realização de eventos, em média, 79,9 milhões de integrantes por ano. O evento como acontecimento, fortalece uma marca diante do

mercado ocasionando o crescimento da imagem da cidade onde está inserido (GIACAGLIA, 2010). Esse crescimento, para Beni (2003), fez com que o Brasil aumentasse suas atividades econômicas nos últimos 10 anos, contribuindo com 2,5% para a formação do Produto Interno Bruto (PIB) da economia. O segmento de eventos vem transformando a realidade de diversos municípios, Giacomo (1993) afirma a intensa aceleração no desenvolvimento do setor de eventos relacionado a negócios no Brasil. Em todos os países o evento possui um acelerado desenvolvimento, inclusive no setor financeiro (ZANELLA, 2003).

Segundo Andrade (2002) é evidente importância de um centro de eventos para o desenvolvimento socioeconômico de uma região, é um “produto” e através de sua realização, beneficia o favorecimento dos negócios, favorece diversas empresas, abrangendo mais de cinquenta segmentos, como: alimentação e bebida, comunicação, publicidade, músicos, transportadores, salão de beleza, decorações, floriculturas, fotógrafos, hospedagem em hotéis, postos de abastecimento, farmácias, bancos e seguros, entre outros. Diante do contexto (CAMPOS, 2000) afirma que independente da sua natureza, evento une pessoas com um mesmo objetivo, envolve inúmeros serviços que incentivam a economia local e enriquecem a vida cultural da cidade.

Ainda, para Bahl (2003), evento valoriza o entorno em esfera social e cultural, acarretam inúmeros benefícios para a sociedade, trazendo novos investimentos, divulgando o local, movimentando múltiplos setores, proporciona oportunidades de emprego e promove inúmeras trocas recíprocas entre as pessoas. Não só, Dias e Martins (2011), asseguram que evento potencializa o desenvolvimento de atividade turística, propondo um amplo fluxo turístico, movimentam e estimulam a economia local, através de um atrativo turístico, opção de lazer, descanso e entretenimento. Pois, para Pellegrin (1999), diversas cidades não oferecem quantidades suficientes de espaços de lazer, afetando assim a economia local.

Segundo Andrade (2002), o setor de evento é considerado uma forma de potencializar os negócios e motivar ações de economia, geram melhores distribuições e fluxos de visitantes, possui grande capacidade de atração em qualquer período do ano, diminuindo problemas de alta e baixa estação, favorecendo maior retorno econômico e social sobre o investimento e o meio. Ainda, Silva (2009) completa relatando sobre a contribuição para a melhor imagem pública do entorno, de forma a promover espaços adequados para a utilização das pessoas em dias de festa, pessoas estas que frequentemente não usariam o local, passando a utilizá-lo em seu cotidiano. Segundo Camelo (2015) estes espaços, oportunizam retorno social e econômico, adotando importante papel no crescimento da cidade.

Para Britto e Fontes (2002), o desenvolvimento turístico ocorre em uma localidade, por meio de vários recursos estratégicos, contudo, o que garante maior efeito de desenvolvimento é a organização de eventos. Quanto aos benefícios de eventos, Andrade (2002), afirma ser importante investir no elemento feiras, pois elas geram trocas produtivas entre produção de comércio, anunciando os produtos e serviços para clientes interessado à mostra.

Diante da suma importância que o setor de eventos remete ao desenvolvimento socioeconômico da região, visa por meio da inserção do projeto de um centro de eventos em Ubiratã, à possibilidade de valorizar o desenvolvimento e crescimento econômico do município, movimentando a economia local e diversos setores de negócios da cidade, acelerando o aumento da taxa de empregos, alavancando o entorno, favorecendo o crescimento da imagem local e na divulgação da localidade, transformando a cidade e a sociedade por meio da promoção de trocas recíprocas e socialização entre as pessoas.

2.5 ARQUITETURA COMO TRANSFORMAÇÃO DO ENTORNO

A arquitetura para Minto (2009) possui a finalidade de ser um grande espetáculo, podendo atribuir significados e transformar a imagem do entorno. Desse modo, edificações que se preocupam com sua imageabilidade e legibilidade, para Lynch (1960) proporcionam um efeito visual claro e organizado para os espaços urbanos, logo, cidades com edifícios que transmitem imagens claras, aparentes e evidentes, convidam através de olhares a participação e atenção das pessoas, deixando essa imagem inesquecível na memória.

A inserção de um centro de eventos é visto como um diferencial para a cidade, Lerner (2011) afirma ser como a acupuntura urbana, algo essencial para promover ações positivas, preocupando em resgatar e sustentar a identidade local, solucionando as cicatrizes da cidade, curando as áreas abandonadas, ocorridas pelo relaxamento de suas identidades. Essa cura para muitas cidades doentes, que se encontra em fase terminal, pode ser relacionada às técnicas de medicina, que demanda diálogo entre médico e paciente, na arquitetura igualmente necessita ter uma cidade resistente, onde os desafios nas áreas urbanas resultam na transformação de espaços melhores, curados das enfermidades, fazendo assim o organismo trabalhar de maneira correta, valorizando o estímulo ao encontro entre as pessoas. Segundo Santana (2003) os atributos positivos não são exclusivamente o principal foco de valorização ao entorno, assim, estes devem ser estimulados por meio de parcerias entre ações privadas e públicas. Assim,

Wall; Waterman (2012) afirmam ser importante determinar áreas conectando o edifício com o entorno, através de espaços amplos ao público alvo.

Conforme Lerner (2011) espaços vazios e inutilizados nas cidades ocasionam problemas urbanos, para a valorização do entorno estes devem ser ocupados por atividades que estimulam a movimentação local, incluindo funções que a região carece, assim determinando a cidade um cenário de encontro e integração de funções. Sendo essencial identificar as necessidades locais para o desenvolvimento do meio urbano, garantindo presenças positivas por meio da imageabilidade da cidade. Assim, a paisagem da cidade se expõe de forma a organizar os edifícios, os espaços públicos e as ruas, concebendo significados e uma identidade cultural à população.

Diante da constatação, de que a cidade se encontra carente de adequados locais para eventos, empobrecendo o setor de lazer e socialização, enxerga-se a necessidade de preencher uma área que ainda não é explorada na cidade, estimulando as atividades de eventos no município, valorizando a movimentação local. A partir da realização de estudos referente ao mapa da cidade, observa-se diversos espaços urbanos que se encontram vazios e inutilizados, em especial no bairro Panorama, próximo ao centro da cidade, em uma localização privilegiada e de fácil acesso encontra-se uma ampla área vazia, onde será realizada a proposta projetual, em suas proximidades há atividades que possuem horários delimitados de funcionamento e utilidades específicas, pensando nisso e na necessidade de um centro de eventos local, surge à ideia de implantar um projeto relacionado a eventos e lazer para a comunidade, atraindo a atenção para essa área, que a partir de determinado horário fica esquecido pela população.

Assim, de acordo com Lerner (2011) transformar por meio da edificação o espaço em desuso feio no belo, de modo a se preocupar com soluções de melhorar qualidade do entorno, visando um agradável retorno à cidade. Por fim, Viana; Rheingantz (2012) afirma que edificação por si só é o elemento de transformação urbana, no qual se instala de maneira estratégica, procurando gerar novas dinâmicas locais.

2.6 ESPAÇOS LIVRES, ORGANIZAÇÃO DA PAISAGEM JUNTO À EDIFICAÇÃO

Não há um acervo de documentações sobre a paisagem urbana, porém para Mascaró (2005) existem relatos sobre áreas ajardinadas, portanto sempre houve preocupação com os espaços livres e as áreas verdes. O espaço livre público, para Perahia (2007) vem sofrendo grande mudança, a princípio se ligava ao termo espaço verde, entretanto, hoje se atribuiu novas funções para esses espaços, conforme as necessidades do meio, assim os espaços verdes

se tornaram espaços livres, que inclui praças e parques, nos espaços livres possuem o uso de lazer e passeio. A partir do século XIX, houve a conscientização da necessidade dos espaços livres, entretanto houve mudanças na forma de entendimento desses espaços, onde os espaços livres começaram a desempenhar o papel social (CHOAY, 2005).

Considerado, para Sitte (1992), um precursor estético da cidade, relacionava os parques urbanos com espaços verdes sanitários, assim foram efetivados grandes parques paisagísticos, melhorando a desordem crescente da urbe, servindo de bloqueio contínuo crescimento da cidade, fora as classes beneficiadas, esses espaços eram utilizados apenas em dias de festas e aos finais de semana, porém existiam espaços íntimos, voltados para o uso em dias normais, buscando um ambiente agradável próximo das residências (MUMFORD, 1998).

Referente à criação dos espaços livres, a Carta de Atenas evidencia sua importância em termos de saúde pública, pois os espaços buscam acolher as atividades da população e proporcionar um espaço confortável para as recreações e passeios (CORBUSIER, 1993). Os espaços livres, para Sá Carneiro; Mesquita (2000), são provenientes do desenvolvimento de atividades recreativas, incluindo parques e praças que valorizam o edifício. Conforme Alex (2008), os espaços livres nem sempre são verdes, porém fortalecem uma melhor vida urbana, envolvendo espaços planejados para o uso diário.

Schjetnan et al. (2008), espaços públicos são locais de participação social, entre membros de uma comunidade. Lira Filho (2001) esses espaços tem o objetivo de conceder recreação, lazer, circulação, entre outros. Ainda, para Bauman (2009), a habilidade de possibilitar surpresa, flexibilidade e descontração são as suas maiores qualidades, são locais de diversidade, integração entre diversos usuários sem questionar o diferente. Para Machado (2001, p. 374), esses espaços não suportam descaracterizações, não permitindo ser usado para estacionamentos, inserção de bares, parques de diversão, isso modifica a intenção do espaço.

Conforme, Jacobs (2000) cidades que intercalam os espaços livres em diversas funções, possibilitam uma maior autoridade, transmitem imponência e satisfação, convertendo os espaços vazios em cheios e os desagradáveis em agradáveis, assim espaços públicos sem a presença do cidadão, danificam sua importância e perdem seus significados. Assim, Loboda; de Angelis (2005) cita que a qualidade de vida urbana está conectada a satisfação da população, referente à agradável infraestrutura, apesar de todas as urbes possuírem espaços de lazer, uma pequena quantia dispõe de espaços organizados.

Segundo Robba e Macedo (2010) os espaços livres são importantes símbolos para o meio, se tornam ponto de referência para a imagem da cidade, embelezam e sendo um

importante elemento para sua identidade local. Para Choay (2003) é responsabilidade do arquiteto de elaborar e estruturar o espaço, de modo a compor elementos que abordem um programa de lazer. Ainda, para Del Rio (1990) o espaço livre desempenha funções sociais, culturais e funcionais, sendo importantes para a organização no entorno. A paisagem, para Pronsato (2005) é um meio de transformação, no qual a participação do homem dá sentido à forma da paisagem, contendo símbolos de ações técnicas e culturais do cidadão.

O espaço público, para Montaner (2009) tem a função propor locais habitáveis que fornecem uma melhor convivência social. Ainda, para Minda (2009) o mesmo é o que estrutura, integra e organiza o meio, assim locais com ideal quantidade e qualidade desses espaços mostram o nível da cidade. Para Romero (2001) esses espaços exercem papel importante para o condicionamento das obras construídas. Quanto à qualidade que o espaço público dispõe, Gehl (2013) diz ser evidente oferecer um espaço atraente e acolhedor, que transmita segurança aos usuários. Cullen (1996) afirma que o espaço livre torna coerente e ordenado visualmente a confusão da disposição dos edifícios.

Por ser uma região que demonstra importância aos cuidados com meio ambiente, a proposta projetual se integrará ao entorno, respeitando a identidade local, sem agredir o meio de inserção, deixando-o harmônico e sociável. Assim, Mascaró (2008) afirma que um projeto de sucesso tem como preocupação a integração das vias paisagísticas com o entorno e o edifício, através da utilização de meios naturais, como a arborização, hidrográfica e topografia, fazendo com que a vegetação consiga evidenciar a paisagem urbana. A partir dessas informações, a intenção do projeto é agregar valores paisagísticos à construção e ao entorno, respeitando as áreas preservadas e a paisagem existente, considerada marcante para a cidade de Ubatuba.

2.7 ESPACIALIDADE ARQUITETÔNICA, A ARQUITETURA E O ESPAÇO

É fundamental que a humanidade para, Benevolo (2003) compreenda a história do espaço vivido, com finalidade de discutir, modificar e compreender o ambiente. Para Corbella (2003) é atribuição do arquiteto, basear-se em conhecimentos referente à tecnologia da construção e na cultura sobre a história, estética e ética, satisfazendo o desejo do cliente. Desse modo, o espaço é criado pela necessidade da existência de uma atividade humana que exige um espaço adequado para tal realização (ELALI; PINHEIRO, 2003). Ainda, Cullen

(2002) afirma que o espaço é ocupado pelo homem com a finalidade de satisfazer suas necessidades, assim o espaço exterior se torna colonizável.

O elemento essencial na arquitetura é o conhecimento em manipular espaços, Zevi (1996) afirma que a arquitetura se difere das outras artes pelo fato dela ser vista como uma grande escultura escavada, onde pessoa penetra e caminha em seu espaço interior. O oposto da pintura, que é atribuída por apenas duas dimensões. Assim, o principal encargo do arquiteto é atribuir função, técnica e arte ao edifício, deixando-o completo. Neste contexto, Artigas (2004) esclarece que arquitetura é uma arte com propósitos, de modo simbólico retrata algo para o cidadão. As formas arquitetônicas ligadas à organização espacial desempenham a função de serem criadas não apenas para a admiração externa, mais para promover espaços confortáveis, assim ao redor do homem há um espaço estruturado.

Segundo Ching (1998) o espaço arquitetônico engloba o nosso ser, é composto por volumes sobrepostos, cheios e vazios, no qual a percepção espacial privilegia o indivíduo sobre seu poder se movimentar, abrigar, de conhecer o toque dos materiais, escutar os sons e sentir os aromas. Então, a arquitetura existe, à medida que o espaço for criado, dimensionado, setorizado e organizado. Para Hertzberger (1999), esses espaços estimulam os sentidos do ser humano, remetem as lembranças e o inconsciente do indivíduo. Despertar emoções por meio dos ambientes está relacionado à integração do usuário com o meio, proporcionando sensações auditivas, visuais, gustativas, mentais e táteis (ALCANTARA et al., 2005).

Para Kruse (2011), os ambientes despertam sensações e percepções ao indivíduo, evocam uma conexão com o observador, espaços são providos de valores simbólicos e históricos, que atribuem sentimentos de pertencimento para com o usuário. Ainda, conforme Voittle (2012) a arquitetura e o espaço influenciam de maneira positiva ou negativa na qualidade de vida humana. Recintos planejados e harmoniosos produzem positivas sensações na vida das pessoas, contudo ambientes não planejados, desorganizados, causam tristeza, desconforto e perda de produtividade. A qualidade de vida está ligada ao bom planejamento e equilíbrio em projeto, em relação às cores, volumes, texturas, disposição dos ambientes, entre outros. Assim, as ações e convivências sociais ocorrem dentro dos ambientes, onde as pessoas interagem com o espaço, sendo influenciada por ele.

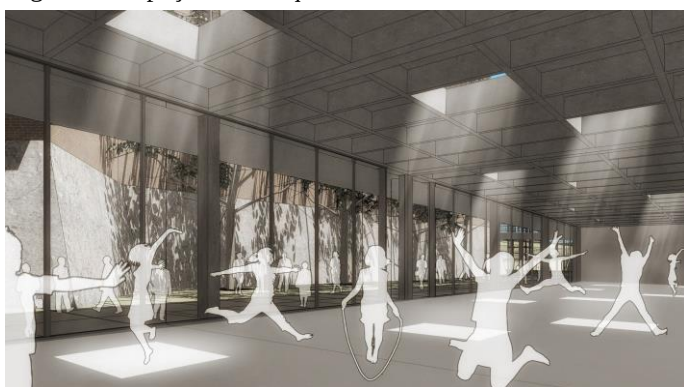
A arquitetura busca mais do que o estético, para Scopel (2015), ela funcionaliza o local, garantindo conforto aos cidadãos, a função das cores e iluminação, quando bem projetados afetam as percepções e sensações do ambiente, influenciando no bem estar dos usuários. A

qualidade de vida está relacionada à harmonia do bem estar mental, físico e emocional, isso é vinculado a convívios sociais, deixando o cotidiano mais animado e agradável.

Segundo Zevi (1996), a arquitetura provém do vazio, do espaço acabado, onde o indivíduo se movimenta e habita, o espaço é responsável da arquitetura, a experiência espacial não é só vivida no espaço interior, ela prolonga-se nas cidades, ruas e praças. O edifício possui o espaço interior, que é a obra arquitetônica e o exterior, que é o urbanismo, o que nos rodeia. A obra produz a paisagem da cidade é o cenário da nossa vida, a arquitetura é uma arte não exposta em galerias, mas nas ruas por onde percorremos. Assim, o que não tem espaço interior não é arquitetura, não pode ser vivido e conhecido. O espaço e a arquitetura são ligados, porém são elementos distintos, onde o espaço é o físico e a arquitetura inclui a representação e a funcionalidade, segundo Almeida (2011), o espaço vivido decorre da convivência, interação social e do valor simbólico; o espaço concebido é o projeto e o planejamento do ambiente; e o espaço percebido é a ação organizacional e produtiva quanto aos meios práticos e funcionais da sociedade, são três elementos de preocupação do profissional, que contribuem para a existência do espaço.

A arquitetura tem intensa relação com o espaço, um complementa o outro, Zevi (1996) afirma que, esta relação é extremamente importante, pois gera impactos positivos em uma obra, arquitetura com bons resultados é aquela que dispõe de um espaço interior que não apenas nos atrai (figura 9), mais nos eleva, assim como a arquitetura de soluções ruins é aquela cujo espaço interno não inspira emoções, desagrada e aborrece o indivíduo.

Figura 9 - Espaço Interno que eleva e atrai os usuários



Fonte: Plataforma arquitetura (2019)

Segundo Lynch (1997) um espaço favorável é aquele que reflete uma imagem com segurança, oferecendo relações entre o observador e o entorno, no qual o meio propõe diversas conexões e o observador organiza e aprimora de essência aquilo que vê. Conforme Abbud (2006) o espaço torna-se atraente quando o usuário é instigado e convidado a

permanecer no ambiente, de modo a integrar-se com as pessoas, mediante ao desempenho de atividades sociais e culturais. Assim, Jourda (2013) afirma que os espaços contribuem para a promoção de diversidade e convivência social e cultural. Um edifício benéfico, para Colin (2000) é aquele que estimula a contemplação e o ato de usufruir o espaço, visto que, a arquitetura para Costa (1952) é a construção com o propósito de criar e organizar o espaço, definindo a finalidade, visando delimitar sua intenção.

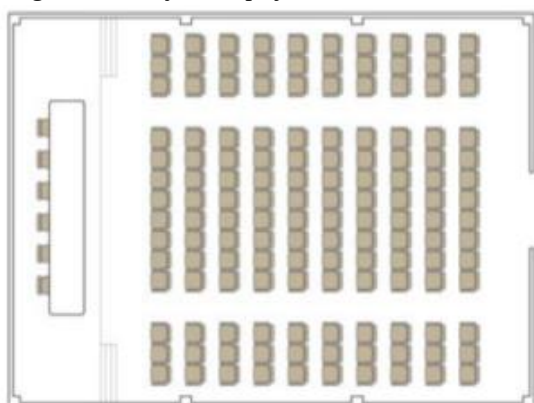
A arquitetura trabalha o espaço, contudo para Coelho Netto (1979) ignoram a funcionalidade que os edifícios requerem, construindo com elemento às cegas. A criação do espaço, não deriva da simples aglomeração de ambientes e do arranjo das formas é preciso compreender a utilidade do edifício, de forma à atender a necessidade do usuário. Portanto, segundo Zevi (1978) cabe ao arquiteto atrair o indivíduo a percorrer o espaço, atendendo as necessidades do cidadão atual e das futuras gerações.

De acordo com Neufert (1998) é fundamental propor espaços que atendam à ergometria humana, o profissional precisa ser dotado quanto às noções de espaços, resultando em ambientes funcionais e bem dimensionados, fornecendo conexão do meio com o usuário. Ainda, como fator importante para a espacialidade é a preocupação quanto à orientação solar, setorização, aberturas e inúmeras eficiências energéticas e térmicas da edificação, de modo a fornecer conforto e qualidade espacial para o usuário. Um centro de eventos fornece diversos espaços de convívio social, para Pronsato (2005) a criação dos mesmos enfatiza a necessidade populacional, quanto aos aspectos culturais, políticos, de acessibilidade, clima e da topografia, de modo com que toda a população seja atendida confortavelmente.

Segundo Oliveira (2016) os espaços de eventos são criados diante do objetivo projetual, considerando as formas e o público alvo adotado. Assim, surgem métodos quanto às distâncias e facilidades de locomoção entre o local da obra e os principais centros de serviços, como hospitais, restaurantes; e os pontos de entrada da cidade, como rodovias, aeroportos, para o fluxo de serviços e equipamentos providos pelo espaço, entre outros. Ainda, Zanella (2008) atribui valores para a criação de espaços de eventos como, estabelecer variações de atividades facilitando o acontecimento de eventos paralelos, por meio de espaços modulares, amplos e com pé direito alto, possibilitando várias formas de montagens e modificações. Conforme Meirelles (1999) a forma e a montagem criam relações com o layout dos espaços para eventos, podendo ser dividido em três estilos, eventos estilo plenário (figura 10), engloba auditórios para conferências, palestras, entre outras cerimônias, não exigem anotações, contendo uma mesa central e assentos enfileirados que podem ser intercaladas em busca de

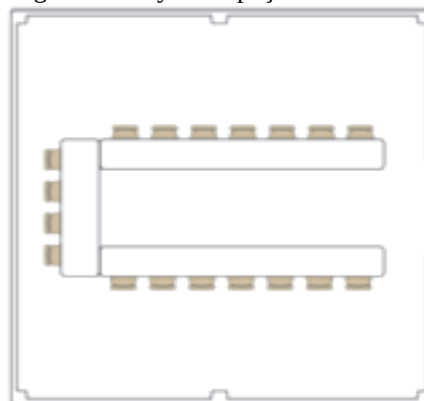
fornecer adequada visibilidade ao usuário; eventos estilo linear (figura 11), propicia maior comunicação, não contém espectadores exigindo anotações, direcionado para convenções, reuniões, entre outras ocorrências informativas, sendo disposta uma mesa em forma de “U” onde os assentos acompanham a mesa, reduzindo 60% da capacidade local; e eventos estilo aberto (figura 11), onde o usuário permanece em pé, como feira, inauguração formal, entre outros, este também dispõe do mesmo layout do estilo linear, contudo em alguns cenários, contém mesa de auxílio com os assentos acompanhando a mesa.

Figuras 10: Layout Espaço Plenário



Fonte: ANAC (2012)

Figura 11: Layout Espaço Linear ou Aberto



Fonte: ANAC (2012)

Sabendo à importância que um espaço bem planejado oferece ao cidadão e a necessidade que Ubiratã se depara quanto à existência de espaços adequados para eventos, propõem-se através do projeto espaços harmônicos, produtores de agradáveis experiências espaciais unidas ao convívio social e a integração do interior e exterior, preocupando-se em criar ambientes funcionais e habitados, estudados para a utilização do ser humano, projetado para o usuário se sentir elevado, atraído a percorrer e caminhar por superfícies que mexem com seus sentimentos, satisfazendo suas necessidades de forma confortável.

2.7.1 Funcionalidade e Flexibilidade nos espaços

Por meio da arquitetura moderna, no século XX que os espaços flexíveis e funcionais foram utilizados, para Maciel; Albagli (2007), através da criação de plantas livres de paredes estruturais, acarretado maior liberdade espacial e organizacional, encarregado de receber maior demanda populacional, possíveis de adequação quanto ao desejo do usuário. Considerada uma característica específica do espaço, a funcionalidade ainda é responsável pelo desempenho e eficiência das atividades dentro do espaço (STROHMEIER, 2017). Em seu livro “Uma Introdução da Arquitetura”, Colin (2006) diz que assim como, salas de

reuniões, salões de festas, espaços para feiras, exposições, festivais, são edifícios que exigem ambientes flexíveis, sendo semelhantes às constantes modificações do modo de vida.

Desde muito tempo, arquitetos tinham interesse por assuntos de flexibilidade, segundo Santos (2012) praticá-la permite amplas e diversas distribuições espaciais, possibilita funcionalidades ao espaço arquitetônico, inúmeras adaptações e criações personalizadas, agregando maior quantidade populacional de distintas variações sociais suprimindo assim, suas necessidades. Quando ligada ao edifício, a flexibilidade não consiste unicamente na criação de espaços amplos ou na alteração de alvenaria por implantação de divisórias modulares e leves, engloba inúmeros princípios de variabilidade e versatilidade que oportuniza a mobilidade, a elasticidade e a evolução. Digiacomo (2004) define flexibilidade como uma virtude maleável ou adaptável de harmonizar novos cenários, prevendo a possibilidade de transformação e expansão, é como um elemento essencial na perspectiva arquitetônica. Ainda, o arquiteto Koolhaas (2008) define como a capacidade de criar amplas, distintas e opostas opções de usos.

Conforme Karlen (2010) nos dias atuais, grande parte dos imóveis são planejados de forma flexível e adaptável, contendo imensos espaços que acolhem uma ampla diversidade de usuários, contudo, aumenta-se a complexidade em setorizar os fluxos de visitantes e funcionários, não sendo permitido que os visitantes tenham acesso às áreas dos funcionários, isolando-os de determinadas esferas. Logo, surge à importância de planejar fluxos específicos para cada atividade, exigindo correta disposição espacial, tendo espaços elaborados com divisórias modulares, proporcionando ligeiras mudanças desde ampliações a compactos ambientes, utilizando métodos modulares e padronizados em paredes, forros, na distribuição elétrica, de iluminação e climatização. Segundo Cannavò (2006) essas atuais e eficientes modificações possibilitam espaços mais dinâmicos, vinculados aos aspectos culturais, econômicos, sociais, entre outros.

Baseado na flexibilidade surge ainda, segundo Silva (2004) os nômades espaços híbridos, que se define pela junção entre espaço digital e físico, criados para atender a intensa busca de usuário referente à mobilidade, conectividade e sociabilidade digital, com espaços para carregar aparelhos de comunicabilidade. Outro método de propor flexibilidade, para Ching (2006, p. 312) é por meio de acessórios e mobiliários que integram a arquitetura e o usuário, oferecendo funcionalidade espacial e modificação de escala e forma entre um espaço interno e o ser humano, refletindo em espaços povoados e confortáveis. Assim, Venturi (1966) afirma que arquitetos modernos se preocupam com a flexibilidade, voltando seus

olhares para espaços multifuncionais, com objetivo incluir espaços mais comuns com móveis removíveis ao em vez de espaços específicos com divisões movediças, isso permite uma flexibilidade mais nítida ao invés de física, gerando continuidade e equilíbrio as edificações.

Conforme as citações é notável perceber a qualidade arquitetural que os edifícios criam, quanto seus espaços são compostos de forma funcional e flexível, elaborar espaços flexíveis e versáteis são importantes para possibilitar novas experiências, interação social e respeito à diversidade, a proposta projetual procura criar espaços funcionais, amplos e integrados, com possibilidades flexíveis de transição, sendo um fator muito válido quando se trata de um edifício de grande porte, que irá receber ampla diversidade e quantidade populacional, potencializando fornecimento de espaços agradáveis que possam agradar a todos.

2.8 ACESSIBILIDADE PÚBLICA

Para haver inclusão e participação de todos nos ambientes, é necessário ligar à existência da diversidade como algo enriquecedor da humanidade, de modo a compreender e acolher todos os indivíduos, sem distinção (CONFEA, 2018). A inclusão se tornar frequente, quando são criados mais projetos arquitetônicos envolvendo igualdade social, de forma a incluir toda a sociedade (BORGES, 2016). Segundo as estatísticas da Organização Mundial de Saúde, 10% da população dos países em desenvolvimento possuem alguma deficiência. Conforme, Leitão (2012), no Brasil 24% da população é portadora de alguma deficiência, seja auditiva, mental, motora ou visual.

Segundo o IBGE (2017) cerca de 9,52% da população brasileira são idosos, pode-se constatar que a população está envelhecendo devido a expectativa de vida estar aumentando. Com isso, Küchemann (2012) relata ser importante se preocupar com a acessibilidade dos ambientes em um projeto, dessa forma, a acessibilidade não é mais um diferencial, se torna algo primordial para um desenho arquitetônico ou planejamento urbano.

Para Pizzol (2005) a adequação dos espaços construídos são resultados de um desenho universal, no qual são realizados estudos ergonômicos que incluem a população com limitações físicas. Segundo Amaral (2016), o desenho universal foi criado para desenvolver projetos que atenda qualquer indivíduo, assegurando total acessibilidade. A arquitetura inclusiva surgiu após a 2ª Guerra Mundial, devido às vítimas da luta permanecer debilitados, vivenciando o desconforto e as reais dificuldades encontradas nas barreiras dos espaços, foi desenvolvido as diretrizes de acessibilidade pública, buscando a valorização, a cidadania, o reconhecimento dos direitos assegurados de cada sofredor, oferecendo-os melhor qualidade de

vida. Para Battistella; Britto (2002) como resultado, o olhar para com as pessoas deficientes mudou, acabando com a discriminação e o preconceito com os rotulados doentes.

O Brasil, segundo Amaral (2016) adotou as legislações em 1985, quando foi criada a primeira norma de acessibilidade do país “NBR 9050 - Adequação das Edificações e do Mobiliário Urbano à Pessoa Deficiente”. Contudo, diversos profissionais não cumprem as exigências das normas de acessibilidade, onde constroem barreiras destruidoras da mobilidade e dos direitos do cidadão de ir e vir, impedindo sua locomoção (BORGES, 2016). Esses problemas, para com os portadores de deficiência, segundo Neri et al (2003, p. 3) tem origem na sociedade, devido os espaços dispor de barreiras não funcionais, impedindo sua utilização. Pizzol (2005) complementa dizendo que espaços planejados com ausência de técnicas específicas, resultam em ambientes com dimensionamentos inutilizáveis por deficientes autônomos, obrigando a necessidade de ajuda para cumprirem as tarefas rotineiras.

De acordo com, Qualharini; Anjos (1997) a discriminação e o preconceito têm início na criação de projetos, onde se prioriza elementos estéticos ou funcionais que delimitam os ambientes, impossibilitando o uso e o acesso aos deficientes, prejudicando sua capacidade de interação. Para Comissão (2003) todos tem o direito de usufruir os espaços em que vivem, os projetos devem propor espaços de fácil percurso, confortáveis e seguros, sendo adequados a toda pessoa que possui limitação. Acessibilidade, para Leitão (2012), é como uma condição territorial, que evidencia o espaço público, tornando-o um local de uso comum. Assim, Pupo et al (2006) afirma que para o espaço ser acessível, ele deve ser adequado para receber às diferentes necessidades e todas às variedades de público, ofertando o conforto a todos.

Conforme Rosa; Krüger (2016) os espaços são acessíveis quando instrui o usuário quanto sua utilização, com segurança e autonomia, informando sua condição de alcance, para que todos possam usufruir e vivencia-lo. Conforme a NBR 9050/2015, os projetos devem conter autonomia dos espaços, edificações, vias públicas, equipamentos urbanos e mobiliários, seja em ambientes públicos ou privados. Assim, para Massari (2007), as cidades só estarão totalmente adequadas e democráticas quando vencerem as barreiras urbanas, praticando o direito de toda a população, deficiente ou não, participar de uma urbe acessível.

Várias edificações apresentam dificuldades para à utilização dos espaços, para Qualharini; Anjos (1997) isso afeta grande parcela populacional, dentre os prejudicados, inclui os idosos, obesos, gestantes, pessoas baixas ou altas e portadores de deficiências permanentes ou temporárias, sendo fundamental planejar espaços para o uso público de qualquer indivíduo, sem exceção, de forma a atender toda a diversidade populacional. Então,

para Martins et al (2016) incluir não é somente atender os critérios de norma, é necessário buscar qualidade de vida, buscando ao projeto caráter social, contendo medidas que solucionem ou evitem as barreiras para deficientes, promovendo entornos adaptados.

Diante de tal importância em relação à acessibilidade, na maioria das vezes, não é planejada como elemento primordial na fase de criação dos projetos arquitetônicos, em diversos projetos são executados apenas adaptações para as edificações, para que as mesmas estejam atendendo as normas técnicas, esse procedimento reflete má qualidade dos espaços, deixando-os inúteis à utilização dos usuários (AMARAL, 2016). Todas as edificações, inclusive construções como um centro de eventos, que tem intenso contato com o público, têm de atender às normas da NBR 9050/2015, propiciar entradas e rotas acessíveis, sinalizados, conectados aos ambientes externos e internos, entre outras. Assim, um bom projeto mantém-se ligado com a adaptabilidade, analisando questões de tamanho das portas, corredores, escadas, rampas, ou seja, a estrutura como um todo. Fazendo com que, para Hereda (2010) a acessibilidade seja obtida por meio de espaço amplo, de total utilização, que seja convidativo, atrativo, simples de percorrer, perceber e que seja provedor de encontros e convívios, de modo a fortalecer o envolvimento social, econômico e político.

Segundo Ormstein (2010), a compreensão e a empatia estão agregadas ao momento de projetar adequados edifícios, devendo considerar ao projetar o simples, porém importante ato de se “colocar no lugar” do usuário, dando confiabilidade ao utilizador, valorizando o vínculo entre o corpo e o espaço. Fazendo o cidadão evidenciar e compreender a importância dos singelos atos cotidianos com a visão do entorno, motivando troca de olhares, de palavras, abraços, encontros, e inúmeras possibilidades de ações e interações sociais, que desempenham uma importante influência na forma com que os usuários são percebidos, e na maneira com que percebem o espaço social urbano. Então, Pizzol (2005) afirma dizendo ser necessário se preocupar com a interação entre as pessoas e o ambiente, mostrando que mesmo com suas limitações em espaços apropriados, não impedirá a pessoa ter um desempenho social ativo e produtivo, defendendo o direito de uma vida com poder de escolhas, de assumir responsabilidades e de construir uma vida independente.

Diante de um assunto de grande importância, busca-se por meio do projeto arquitetônico espaços acessíveis, com usos flexíveis de simples compreensão, de forma segura e confortável garantir a acessibilidade à todos, assegurando o direito do cidadão de ir e vir, de transitar, passear, participar de atividades e usufruir os ambientes independente e o mais importante devolver ao deficiente a inclusão, incorporando a essas pessoas o convívio social.

3. CORRELATOS E REFERÊNCIAS

Este capítulo contém análises de obras arquitetônicas, tanto obras correlatas vinculadas ao tema, servindo de alicerce, dispondo de informações para auxiliar na produção e desenvolvimento projetual do centro de eventos, em âmbito formal, funcional e construtivo, quanto em obras de referências, que mesmo não tendo afinidade ao tema servem de inspiração seja pelo uso dos materiais e demais soluções que contribuem para o edifício.

3.1 CENTRO CULTURAL LES QUINCONCES

De grande importância cultural e social, ocupando um quadra com área de 28.198 m² o edifício “Les Quinconces” (figura 12) projetado no centro da cidade Le Mans na França, em 2014, pelos arquitetos Éric Babin e Jean-François Renaud, destinado a receber diversos eventos de grande porte é visto como um veículo social urbano, a edificação se destaca pela sua modernidade e pela valorização do entorno com espaços integrados aos locais históricos da cidade, como a Esplanade des Quinconces, local oportuno à grandes eventos e a Place des Jacobins voltado para o comércio ao ar livre (ARCHDAILY, 2015).

Figura 12: Perspectiva Externa do Centro Cultural Les Quinconces



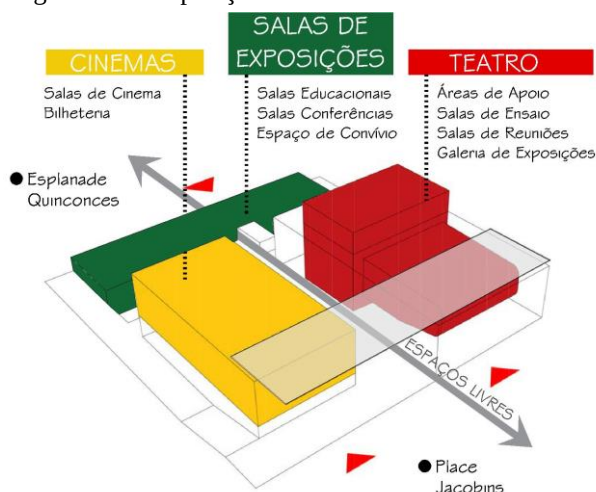
Fonte: Archdaily (2015)

3.1.1 Análise Formal

Implantado mediante a leveza e a pureza formal, sem variedade de elementos na fachada e exagero monumental é composto por dois volumes discretos que se conectam por uma fina cobertura de metal que prolonga-se horizontalmente (ARCHDAILY, 2015). Por meio do método de adição e subtração de volumes, cheios e vazios percebe-se uma simetria e um equilíbrio formal na fachada. O bloco vermelho (figura 13) posicionado mais a frente

abriga o teatro municipal, já o bloco amarelo se posiciona mais atrás acolhendo 11 salas de cinema. Ainda o bloco verde, se delimita para salas de exposições e conferências, contém uma cobertura com deck, em balanço que funciona como uma arquibancada ao ar livre, uma área de contemplação da paisagem. Os blocos são separados por um eixo central, uma passagem livre que integra o edifício ao entorno, convidando a população a se adentrar.

Figura 13: Composição Volumétrica



Fonte: Archdaily (2015), editado pelo autor.

3.1.2 Análise Funcional

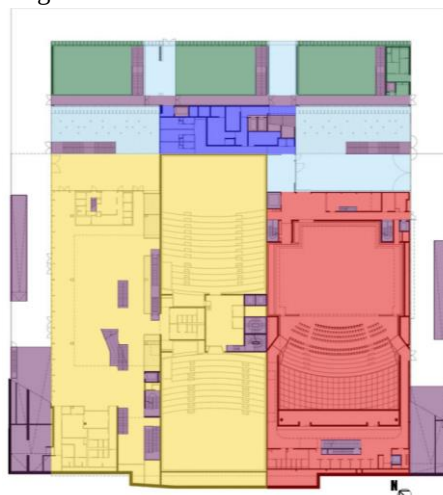
De setorização clara, disposições dos setores organizados e funções complexas, a obra é disputada pela população em suas festividades e vida cívica (ARCHDAILY, 2015). Percebe-se por meio das (figuras 14 e 15) à quantidade de circulações, utilizando elevadores, escadas comuns e escadas rolantes fornecendo maior possibilidade à acessibilidade.

Figura 14: Planta Baixa Subsolo 1



Fonte: Architizer (2019), editado pelo autor.

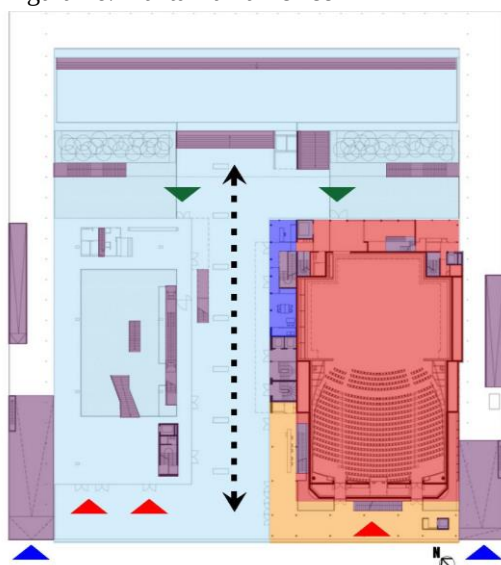
Figura 15: Planta Baixa Subsolo 2



Fonte: Architizer (2019), editado pelo autor.

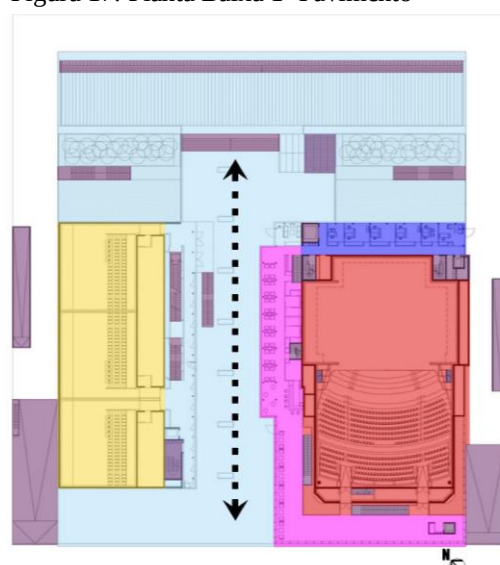
A planta é disposta por espaços multiuso, podendo ser utilizada para peças teatro, ópera, dança, entre outros eventos (ARCHDAILY, 2015). A disposição das plantas permite uma continuidade espacial e uma vasta integração do interior e exterior, pelo emprego do vidro e de aberturas com portas pivotantes, deixando os espaços abertos ao público no térreo, criando um eixo principal de circulação, um espaço livre entre os dois blocos, estimulando o convívio social (figura 16 e 17). O acesso ao edifício é realizado pela praça pública, que acolhe os usuários e fornecem uma transição entre os estacionamentos e os espaços de eventos.

Figura 16: Planta Baixa Térreo



Fonte: Architizer (2019), editado pelo autor.

Figura 17: Planta Baixa 1º Pavimento



Fonte: Architizer (2019), editado pelo autor.

LEGENDA			
■ CIRCULAÇÃO	■ TEATRO	■ FOYER	
■ PÁTIO ESPAÇO DE CONVÍVIO	■ ESPAÇOS PARA ENSAIO	▲ ACESSO VEÍCULOS	
■ SALAS DE CINEMA AUDITÓRIOS	■ APOIO TÉCNICO	▲ ACESSO PRINCIPAL	
■ ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES	■ RESTAURANTE CAFÉ	▲ ACESSO SECUNDÁRIO	

Os espaços possuem abundante iluminação natural pelo emprego de grandes aberturas em vidros, ao anoitecer a iluminação artificial auxilia e supre a natural, norteia a população e destaca a obra por meio de luminárias pendentes cilíndricas que traz aconchego aos espaços, dispostas em diversas alturas, às luminárias pendentes suavizam a forma da edificação, dando força estética ao edifício e tornando-o atrativo (ALBA, 2015).

3.1.3 Análise Construtiva

Sua estrutura metálica garante maior leveza aos volumes e possibilita o uso de grandes vãos. A materialidade do edifício é composta de avanços tecnológicos que transmite leveza visual, adquirida por um dos blocos ser revestido de pedra branca e o outro dispor de fechamentos envidraçados ainda emprega elementos de madeira com tons escuros no interior

e tons claros no exterior. Ambos cobertos por uma cobertura fina de metal que aos olhos humano parecem flutuar, remetendo leveza e equilíbrio. Além do vidro e das placas de metal, foram utilizados materiais como o aço e concreto, os grandes brises amadeirados verticais e articuláveis, valorizam o exterior e qualifica conforto ao interior (ARCHDAILY, 2015).

3.1.4 Análise do Correlato

A análise do correlato Centro Cultural Les Quinconces atribui valores projetuais a ser aplicados no Centro de Eventos de Ubatã, principalmente quanto a sua linguagem formal pura e linhas horizontais, o emprego de grandes vãos, sua funcionalidade em possibilitar múltiplos espaços organizados e claros, utilização de iluminação natural e quanto ao uso de materiais tecnológicos, como o vidro que fornece continuidade espacial, integração entre interior e externo, provocando uma aparência moderna ao edifício, o uso da madeira e pedras naturais, todos esses aspectos em conjunto acarretam leveza ao edifício, além da obra se encaixar com o entorno de modo a valorizar o meio e o convívio social, não impor sua arquitetura ao local, mais completar o local com sua arquitetura moderna.

3.2 CENTRO CULTURAL DE EVENTOS E EXPOSIÇÕES DE CABO FRIO

Projeto vencedor em 1º lugar do Concurso realizado na cidade de Cabo Frio, no Rio de Janeiro, em 2014 para a implantação do Centro Cultural de Eventos e Exposições (figura 18), localizado em um terreno ao lado da região do lago, elaborado pelo escritório Estúdio 41, local público que valoriza o encontro, o coletivo e a promoção da cultura, por meio ambientes vazios e multifuncionais para exposições (VIEIRA, 2018).

Figura 18: Perspectiva Externa Centro Cultural de Eventos e Exposições



Fonte: Archdaily (2014).

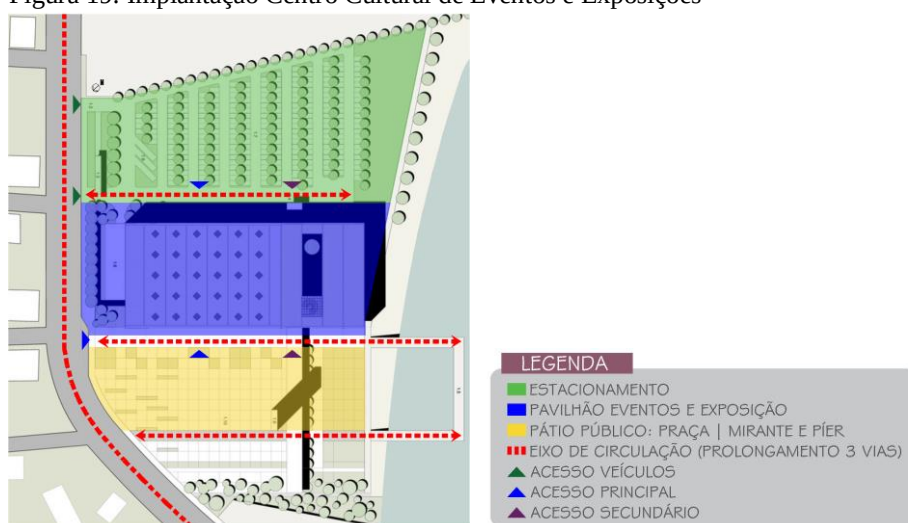
3.2.1 Análise Formal

Disposto de formas puras e linhas horizontais possui um único volume retangular implantado no centro do terreno (VIEIRA, 2018). De volumetria vertical, em contraponto à horizontalidade da edificação, o elemento mirante localizado na praça do edifício é considerado marco referencial do projeto, por se destacar como um monumento alto e grandioso, comparado ao formato do Centro Cultural (BARATTO, 2014).

3.2.2 Análise Funcional

Conforme Baratto (2014) a organização espacial é dividida em três setores, o de serviço e estacionamento, a praça e a edificação. De grande influência para a setorização do projeto, o desenho urbano adentra pela obra por meio do prolongamento de três vias urbanas dando acesso ao terreno, criando sua implantação dividida em setores (figura 19) disposta pela necessidade de organizar o terreno quanto aos fluxos de acesso, devido à geometria do lote optou-se em implantar o edifício no centro, possibilitando maior isolamento das áreas de serviço deixando-as afastadas do setor social e público, porém criando uma harmonia e comunicação entre os espaços. Mesmo quando não houver eventos no edifício, o projeto capacita o acolhimento e interação com a população local, pela sua integração com o meio (VIEIRA, 2018).

Figura 19: Implantação Centro Cultural de Eventos e Exposições

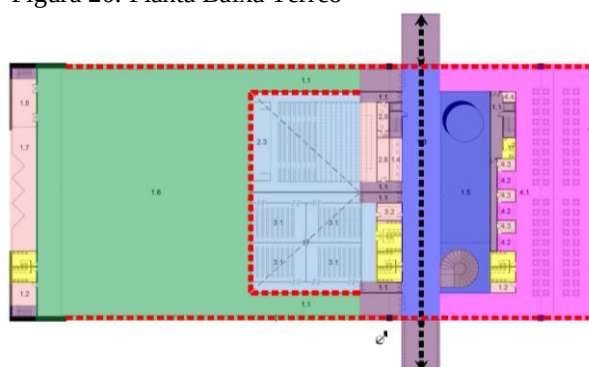


Fonte: Archdaily (2014), editado pelo autor.

A implantação foi direcionada, segundo Baratto (2014), para a contemplação visual do meio urbano natural (lago e vegetação) e do edificado (ruas e praças), priorizando a ligação entre interior e exterior e forte comunicação entre edificação, cidade e paisagem.

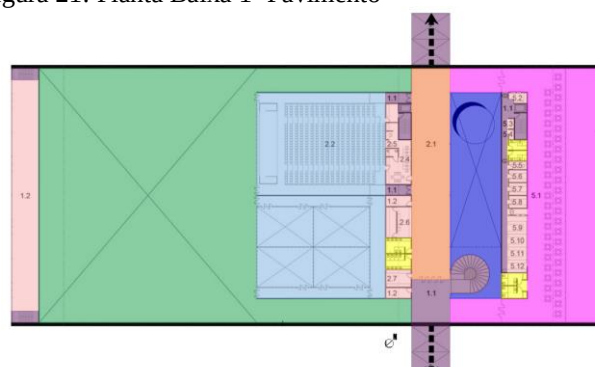
Arquitetado para eventos culturais, o pavilhão (figuras 20 e 21) é disposto a acolher várias exposições, de grande vão livre sustentado por pilotis sem fechamento fixo, permite diversas possibilidades de configurações e modificações para ambientes flexíveis proveniente das divisórias removíveis e funcionais pelas portas de guilhotina que se escondem atrás das vigas liberando total abertura e integração do interno com o externo. Buscando melhor proveito espacial as salas de reuniões e auditórios são espaços retráteis, sendo possível o recolhimento das paredes, podendo ampliar ou reduzir o local de exposição (VIEIRA, 2018).

Figura 20: Planta Baixa Térreo



Fonte: Archdaily (2014), editado pelo autor.

Figura 21: Planta Baixa 1º Pavimento



Fonte: Archdaily (2014), editado pelo autor.

LÉGENDA	
CIRCULAÇÃO	SAGUÃO JARDIM
BANHEIROS	APOIO TÉCNICO
SALAS REUNIÕES AUDITÓRIOS	RESTAURANTE CAFÉ
EVENTOS E EXPOSIÇÕES	FECHAMENTO PORTAS GUILHOTINA
FOYER	EIXO CIRCULAÇÃO

A área de exposições (figura 22) se transforma em espaços com grandes proporções possibilitando integração e visibilidade para as maiores fachadas da edificação, dispostas por portas tipo guilhotina (BARATTO, 2014).

Figura 22: Pavimento Térreo – Portas Tipo Guilhotina Abertas



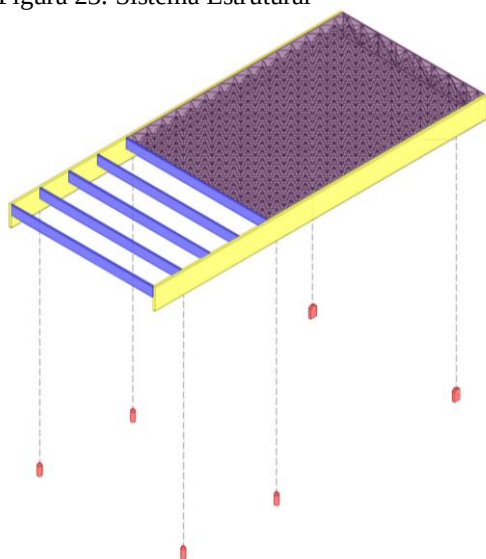
Fonte: Archdaily (2014).

Com potencial de receber 10 mil pessoas, a praça é composta por piso permeável de cimento granulado, possui um mirante com funcionalidade de concentrar os reservatórios d'água e ainda serve como apoio para montagem de cenários para apresentações e festas ao ar livre, a praça estende-se com um píer sobre a lagoa, destacando a beleza do local tanto de dia como a noite, devido à instalação de luminárias no alto do mirante (BARATTO, 2014).

3.2.3 Análise Construtiva

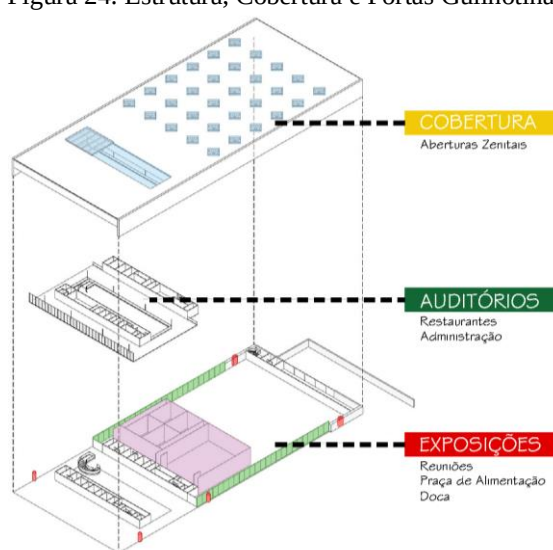
A estrutura do edifício apresenta-se de forma mista (figura 23) composta por um plano horizontal constituído de vigas em concreto armado nas duas laterais mais alongadas e a estrutura da cobertura é formado de treliça espacial em alumínio sustentada por seis pilotis de apoio, permitindo um flexível e grande vão livre que se torna multifuncional para espaços de exposições. A cobertura possui várias aberturas zenitais (figura 24) para melhor iluminação e ventilação natural dos ambientes (BARATTO, 2014).

Figura 23: Sistema Estrutural



Fonte: Archdaily (2014), editado pelo autor.

Figura 24: Estrutura, Cobertura e Portas Guilhotina



Fonte: Archdaily (2014), editado pelo autor.

LEGENDA

TRELIÇA ESPACIAL DE AÇO	AMBIENTES RETRÂTEIS
VIGAS PRINCIPAIS CONCRETO	PORTAS EM GUILHOTINA
VIGAS SECUNDÁRIAS CONCRETO	ABERTURAS ZENITAIS
APOIOS DE CONCRETO (PILOTIS)	

A vedação tida pelas portas em guilhotina de vidro e madeira acrescenta nos espaços mobilidade por meio de grandes aberturas e integrações, compondo a fachada do edifício, auxiliando na estética e no conforto térmico dos usuários (VIEIRA, 2018).

3.2.4 Análise do Correlato

As características do Centro Cultural de Eventos e Exposições de Cabo Frio serviram de referência visando sua implantação ser disposta por grandiosos espaços vazios e não construídos, em relação à edificação priorizar ampla visualização e ligação com o desenho urbano, com o exterior, a praça, o lago e as vias urbanas que se estendem em sentido ao edificado, disponibilizando diferentes acessos ao edifício, possibilitando uma forte comunicação da obra com a cidade e a paisagem local. Ainda como referência através do aproveitamento espacial, funcionalidade e flexibilidade dos ambientes internos, oportunizando inúmeras configurações, podendo ser ampliado ou reduzido por meio da utilização de divisórias removíveis e portas em guilhotina, provocando grandes aberturas e integração com meio urbano. Quanto à utilização do sistema construtivo composto por grandes vãos livres, pilotis e cobertura contendo aberturas zenitais melhorando a iluminação e ventilação natural.

3.3 CENTRO DE CULTURA E JUVENTUDE IZMIR SELÇUK

De cunho cultural, com o principal objetivo de atribuir valor sociocultural para a região, o Centro de Cultura e Juventude (figura 25), localizado no centro da cidade de Selçuk, na Turquia, participou do concurso da cidade, elaborado pelo escritório Oficina de Empatia, valoriza os espaços vazios e as atividades externas (BAYHAN, 2016).

Figura 25: Perspectiva Externa Centro de Cultura e Juventude de Selçuk



Fonte: Arkitera (2016).

3.3.1 Análise Formal

Expressa uma solução formal pura com linhas retas, o edifício é composto por três blocos que se conectam (figura 26), sendo um bloco principal (oficinas) em formato

horizontal e linear que se conecta com outros dois volumes (cinema e anfiteatro) dividido por setores destinados a diferentes funções (BAYHAN, 2016).

Figura 26: Composição Volumétrica do Centro de Cultura e Juventude de Selçuk



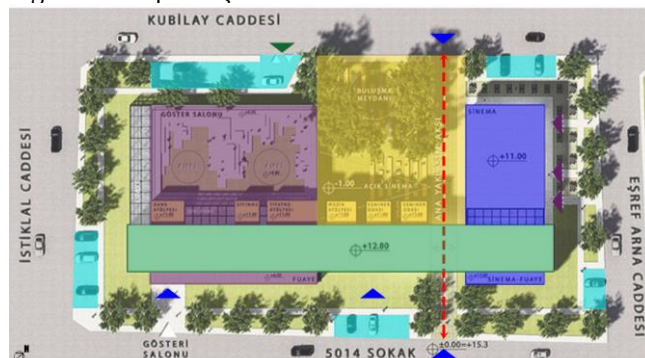
Fonte: Arkitera (2016), editado pelo autor.

A composição formal da fachada é disposta de forma horizontal e contínua que agrega movimento e dinamismo com a conexão dos volumes ao bloco principal (BAYHAN, 2016).

3.3.2 Análise Funcional

Situado em um local de fácil acesso ao transporte em uma das principais ruas da cidade, de predomínio residencial, o edifício foi desenvolvido em torno do desenho da paisagem intervindo o mínimo possível à topografia local, de setorização bem distribuída e organizada, dispõem de soluções flexíveis, comporta um eixo que atravessa o construído (figura 27) formado por uma ampla passagem de pedestre, contornado por espaços públicos fechados e abertos para o jardim, proporcionando continuidade do tecido verde (BAYHAN, 2016).

Figura 27: Implantação do Centro de Cultura e Juventude de Selçuk

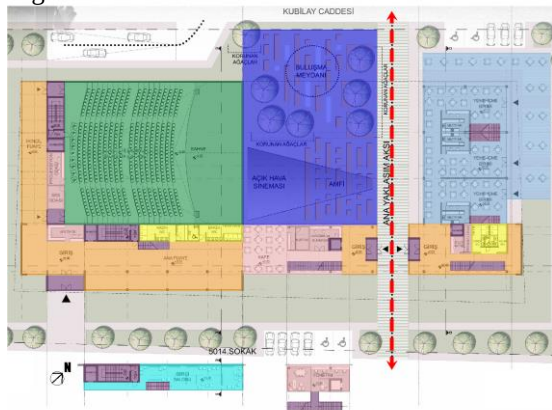


Fonte: Arkitera (2016), editado pelo autor.

LEGENDA	
ESTACIONAMENTO	■■■ EIXO DE CIRCULAÇÃO
BLOCO 1 - OFICINAS (PRINCIPAL)	▲ ACESSO VEÍCULOS
BLOCO 2 - ANFITEATRO	▲ ACESSO PRINCIPAL
BLOCO 3 - CINEMA	▲ ACESSO SECUNDÁRIO
PRAÇA JARDIM	

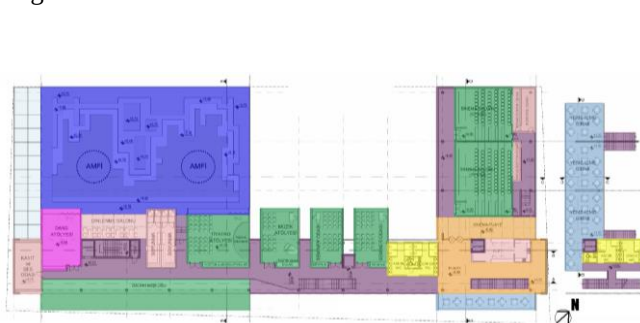
Um espaçoso vazio de uso comum foi estabelecido pela praça, localizada paralela ao volume principal e entre os blocos, a distribuição dos blocos garante maior equilíbrio e acessibilidade aos ambientes públicos e sociais voltados para o pátio interno (figura 28 e 29), favorecendo melhor usufruto da população (BAYHAN, 2016).

Figura 28: Planta Baixa Térrea



Fonte: Arkitera (2016), editado pelo autor.

Figura 29: Planta Baixa 1º Pavimento



Fonte: Arkitera (2016), editado pelo autor.

LEGENDA	
CIRCULAÇÃO	CINEMA ANFITEATRO AO AR LIVRE
BANHEIROS	SERVIÇO APOIO TÉCNICO
SALAS SEMINÁRIOS OFICINAS	PRAÇA ALIMENTAÇÃO CAFÉ
CINEMA GALERIA SHOWROOM	EIXO DE CIRCULAÇÃO
FOYER	SALA DE EXPOSIÇÃO

Locais livres e projetados para garantir a continuidade espacial em meio ao fluxo da vida cotidiana (figura 30), espaços vazios e abertos muito presentes no edifício, arquitetados na cobertura do showroom, pelo cinema ao ar livre, oficinas e salas de seminários podem ser interligadas, o anfiteatro é concebido de áreas para descanso, nas salas de espetáculos e foyer do cinema transmitem o vazio pelo fechamento transparente em vidro, contribuindo para a contemplação do exterior e para a iluminação natural, valorizando a socialização, tornando cada ambiente atraente, agradável e confortável ao usuário (BAYHAN, 2016).

Figura 30: Perspectiva Praça do Centro de Cultura e Juventude de Selçuk



Fonte: Arkitera (2016).

Segundo Bayhan (2016) em termos climáticos, o edifício foi localizado de modo a aproveitar a luz natural, por meio de aberturas em direção à luz solar, protegendo o interior com grelhas de fechamento fixadas na fachada das salas de oficinas, em preocupação com o escurecimento do local de trabalho e conforto aos usuários.

3.3.3 Análise Construtiva

De estrutura visível, leve e diversificada, emprega-se ao edifício o uso de pilotis aparentes, com o intuito de harmonizar e a finalidade de proporcionar ambientes livres e leves, posicionadas paralelamente evidenciando os requisitos técnicos e compactando a estrutura do espaço, o sistema construtivo das salas de conferências e cinemas é constituído de concreto armado, com a preocupação de obter paredes surdas qualificando a questão acústica do ambiente, ainda projetado com painéis de vidro transparente e painéis de controle solar, a concha é moldada por painéis de pedras conectadas à estrutura, reforçando o design sustentável e contemporâneo (BAYHAN, 2016).

Por conta da escala e funcionalidade das salas de seminários e oficinas, as mesmas foram planejadas de estrutura em aço modular, facilitando a articulação dos espaços, a ideia de expressar movimento fixo foi estruturalmente compatível, por meio de pérgulas de revestimento em metal e vidro evidenciando os espaços abertos e o verde do jardim pela visualização através dos fechamentos em vidro (BAYHAN, 2016).

3.3.4 Análise do Correlato

Adota-se como referência projetual à relação formal do edifício, que emprega formas puras e volumes horizontais, agregando movimento e dinamismo pela conexão dos volumes, pela disposição dos blocos no terreno e a composição por uma fachada contínua e paralela a rua. Pelo emprego de pilotis, através do sistema estrutural aparente, ainda pela inserção de espaços vazios e não construídos na implantação, garantindo continuidade espacial e conexão de exterior e interior, ou seja, público e privado.

4. DIRETRIZES PROJETUAIS

Visando complementar os capítulos descritos anteriormente, nesta etapa do trabalho serão apresentadas diretrizes iniciais e justificativas projetuais para o desenvolvimento do centro de eventos, enfatizando a relação quanto às características da escolha e localização do terreno, estudo do entorno, a ideia conceitual referente à solução formal, o partido arquitetônico e o programa de necessidades, descrevendo os pontos importantes para a elaboração de uma proposta projetual adequada e de qualidade, atendendo a necessidade local.

4.1 TERRENO DE IMPLANTAÇÃO E ANÁLISE DO ENTORNO

Por meio de estudos e análises, foi definido um terreno apropriado e bem situado no município, com ampla área útil, privilegiada localização e com facilidades para rotas de acesso, para realizar a implantação e o desenvolvimento da proposta projetual implantada no município de Ubitatã (figura 31), na região Centro-Oeste do Paraná.

Figura 31: Localização da Cidade de Ubitatã no Brasil e no Paraná



Fonte: Google Earth (2019), editado pelo autor.

O terreno está localizado no bairro Panorama, ao sul da cidade próximo ao centro. Através de análises climáticas (figura 32) a orientação solar se posiciona de forma que o sol da manhã na região leste se expõe na testada primária que está para a Avenida Ascânio Moreira de Carvalho, que beneficia do melhor sol e possibilita o uso de fachadas transparentes. A maior incidência solar fica na região norte e se evidencia na testada secundária que está para a Avenida dos Pioneiros, o sol poente fica na região oeste com testada para a Rua Maria das Graças Molina, a menor incidência solar fica na região sul, com testada para a Rua Jorge Antônio de Oliveira.

Figura 32: Localização do Terreno e Análise Climática



Fonte: Google Earth (2019), editado pelo autor.



Segundo a Simepar (2019) o vento predominante no terreno vem da direção nordeste, então a testada primária que está para a Avenida Ascânio Moreira de Carvalho e a secundária paralela a Avenida dos Pioneiros são as que recebem mais ventilação natural.

Localizado entre duas avenidas, o terreno contém acessos pela testada primária paralela a Avenida Ascânio Moreira de Carvalho (figura 33) ao leste.

Figura 33: Vista Leste, Testada Primária Avenida Ascânio Moreira de Carvalho



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Testada secundária para a Avenida dos Pioneiros (figura 34) ao norte, ambas consideradas segundo o Plano Diretor Municipal (2016), vias coletoras que coletam e distribuem o trânsito das vias locais e encaminham para as arteriais classificadas às de maior fluxo, assim facilitando a movimentação da região.

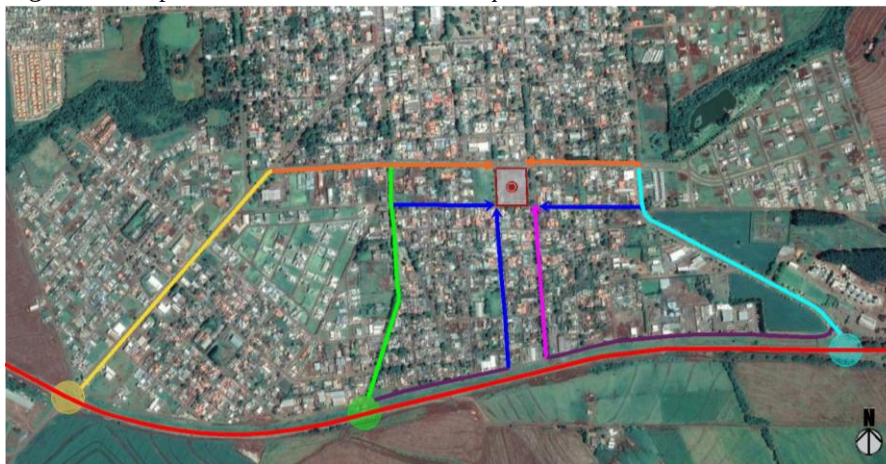
Figura 34: Vista Norte, Testada Secundária Avenida dos Pioneiros



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Os acessos existentes nas testadas para a Rua Jorge Antônio de Oliveira ao sul e Rua Maria das Graças Molina ao oeste, conforme o Plano Diretor Municipal (2016) são nomeadas como vias locais que possui baixo volume de tráfego, destinadas ao acesso as residências. Conforme a análise de hierarquia viária no terreno escolhido é possível afirmar que a malha urbana da cidade é bem configurada, o lote de estudo dispõe de fácil acesso para os visitantes (figura 35), pois se localiza em paralelo à rodovia BR 369, próximo aos trevos leste e oeste, consequentemente ao acesso entre os trevos.

Figura 35: Mapa Estudo de Acessos e Hierarquia Viária



Fonte: Google Earth (2019), editado pelo autor.

LEGENDA	
ACESSO I - TREVO OESTE SENTIDO CASCAVEL (VIA ESTRUTURAL)	ACESSO VIA COLETORA (AVENIDA DOS PIONEIROS)
ACESSO II - ENTRE OS DOIS TREVOS (VIA ESTRUTURAL)	ACESSO VIA LOCAL (RUA JORGE ANTÔNIO DE OLIVEIRA) (RUA MARIA DAS GRAÇAS MOLINA)
ACESSO III - TREVO LESTE SENTIDO MARINGÁ (VIA ESTRUTURAL)	ACESSO MARGINAL
RODOVIA BR 369	ACESSO VIA COLETORA (AVENIDA ASCÂNIO MOREIRA DE CARVALHO)
DELIMITAÇÃO TERRENO	

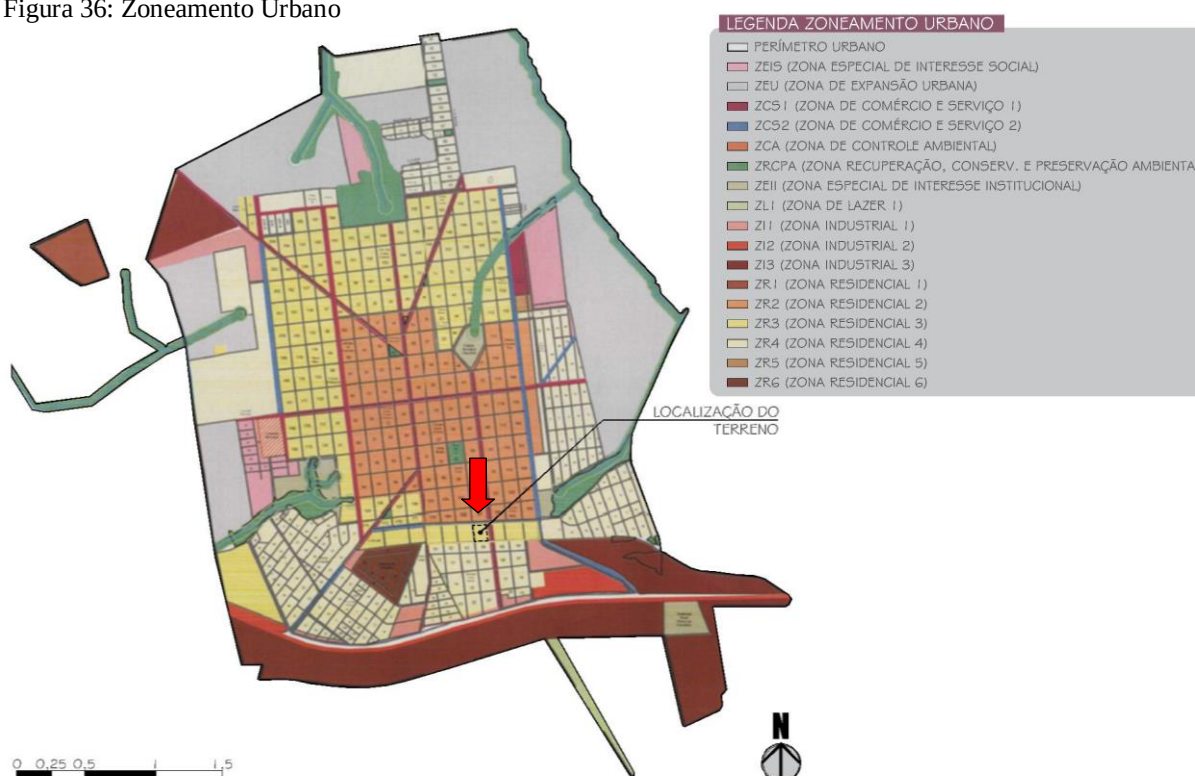
Referente às condicionantes do terreno, foram unificados 22 lotes do número 01 ao 22 para suprir a necessidade projetual, totalizando uma quadra. Sua testada primária e principal

fica para a Avenida Ascânio Moreira de Carvalho ao leste com 106,13 metros, a testada secundária está para a Avenida dos Pioneiros ao norte com 89,15 metros com um total de 9.461,49 m².

O macrozoneamento urbano (Anexo 1) do terreno localiza-se na Macrozona de Ocupação Consolidada, região de ocupação que comporta a maior área residencial da sede urbana, permitindo a ocupação residencial controlada, atividades produtivas voltadas ao lazer, à cultura e ao esporte que não sejam incômodas e que possa equilibrar a ocupação por meio da taxa de ocupação, coeficiente de aproveitamento e taxa de permeabilidade; controlar a grande concentração de tráfego; utilizar materiais permeáveis nas calçadas, faixas de rolamento e praças para melhorar a acessibilidade e mobilidade urbana (PLANO DIRETOR MUNICIPAL, 2016).

De acordo com o zoneamento urbano municipal (figura 36) estabelecido na Lei de Uso e Ocupação do Solo (2016) o terreno escolhido é classificado pela Zona de Comércio e Serviço 1 (ZCS1), considerada uma área de eixo comercial é direcionada à implantação de atividades de produção econômica de pequeno impacto ambiental e que não representam sobrecarga no tráfego, permitido o uso do solo urbano para o Comércio e Serviço de Centralidade (CS2) destinado a atividades comerciais e prestação de serviços que possa atender maior abrangência e grande concentração de indivíduos e veículos, como

Figura 36: Zoneamento Urbano



Fonte: Plano Diretor Municipal (2016), editado pelo autor.

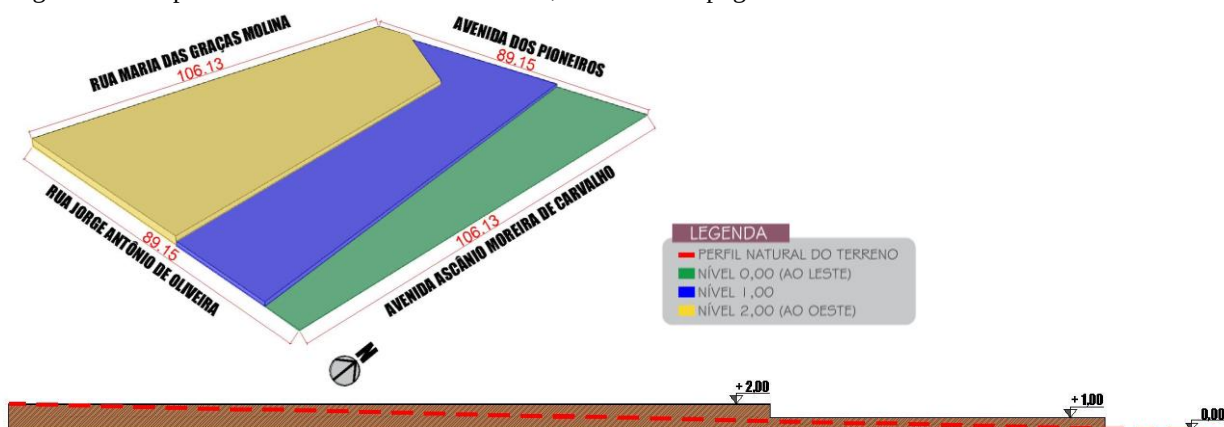
Conforme a análise (figura 36) de uso e ocupação do solo percebe-se que a maior parte da vizinhança do lote é ocupada por áreas residências. As áreas de comércio e serviços se concentram nas principais avenidas da cidade, uma avenida passando pela testada primária e outra pela secundária do lote, nas duas extremidades do terreno existem áreas verdes e vazias, possibilitando por meio da implantação do centro de eventos a valorização imobiliária do entorno e do comércio local, que cresce a cada ano.

As normas construtivas para a área escolhida, conforme os parâmetros urbanísticos do terreno (Anexo 2) determinadas na tabela de Uso e Ocupação do Solo (2016) e pela sua retificação da Lei Complementar nº 015/2018 estabelece um índice de aproveitamento básico de 1,5 com taxa de ocupação máxima de 70% e taxa de permeabilidade mínima de 20%. O recuo frontal permitido mínimo é de 3 metros e lateral e fundo mínimo de 1,5 metros.

A partir da coleta dos principais dados para a elaboração do projeto é elaborado uma breve leitura do Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV), elencando os pontos positivos do entorno referente ao empreendimento relacionado à qualidade de vida da população, como: tamanho da área; entorno com vias e rodovia de fácil acesso para a edificação; infraestrutura viária bem configurada; boa visibilidade do terreno; proximidade central; se localiza próximo aos equipamentos comunitários como escola, hospital, igreja e dos equipamentos urbanos como, rede de esgoto e iluminação pública em bom estado de conservação.

Por meio de análises topográficas, identifica-se um leve desnível no terreno (figura 37), com um nível de 2,00 metros sendo a parte mais alta localizada em paralelo à Rua Maria das Graças Molina chegando ao nível 0,00 para a testada principal que está para a Avenida Ascânio Moreira de Carvalho. A partir dessas informações, conclui-se que não haverá necessidade de grandes movimentações de terra, visto que a proposta procura aproveitar ao máximo o perfil natural do terreno.

Figura 37: Perspectiva do Terreno com Dimensões, Desníveis Topográficos e Corte



Fonte: Programa Sketchup (2019) editado pelo autor.

4.2 CONCEITO E PARTIDO ARQUITETÔNICO

A cidade de Ubiratã surgiu em plena mata nativa, com o significado “madeira dura”, pela abundante quantidade de espécies de árvores, como peroba, cedro, canela, jacarandá, entre outras, dessa forma a região era recoberta por mata nativa.

Com base nessas informações o conceito se objetiva em remontar a história da cidade ao edifício, por meio do caráter plástico e funcional, surge à ideia de agregar o espaço não construído na edificação, inserindo a natureza na proposta formal (externa) através de painéis utilizados como brises ou removíveis semelhantes aos galhos (figura 38) auxiliando a relação estética/formal e servindo como proteção de solar, trazendo conforto ambiental e melhor ventilação aos grandes vãos livres, o uso dos pilotis que lembra o tronco.

Figura 38: Conceito de Elementos Semelhantes à Árvore



Fonte: Google Imagens (2018), editado pelo autor.

Assim é possível fazer que o edifício represente o surgimento de Ubiratã, criando uma relação com a memória e a valorização da identidade local, causando sensações e lembranças significativas, que remeta para a população a importância histórica existente.

Referente ao partido arquitetônico, a proposta projetual visa utilizar volumes horizontais, com sistema estrutural de concreto protendido que permite desfrutar de espaços com grandes vãos, planta livre e o emprego da estrutura aparente. Com o intuito de priorizar a arquitetura como um elemento de marco visual da paisagem urbana, conectando o construído em relação ao local e o entorno, o público e o privado, na intenção do espaço servir à sociedade, promovendo a integração de diversas atividades concentradas a um único local, que estimule a socialização e a convivência entre a população, assim resgatando os valores sociais e culturais dos usuários.

Outro ponto para se destacar é em relação à socialização e a qualidade de vida populacional, pois ao passar dos anos, a rotina dos indivíduos se tornam cada vez mais intensas, desgastantes e estressantes devido à falta de lazer, comunicação e diversão, assim grande parte do tempo é destinado ao trabalho, deixando de lado o bem-estar. A partir dessa condição e devido à carência de estruturas destinadas ao lazer, surge a visão de implantar um centro de eventos com espaços que possa incentivar a diversão, o entretenimento, lazer, socialização e interação entre a comunidade.

4.3 INTENÇÕES PROJETUAIS

A intenção projetual para o centro de eventos baseia-se no predomínio da linguagem arquitetônica concentrada na essência de Mies Van Der Rohe “menos é mais” utilizando com abundância os panos em vidros, priorizando a pureza formal, transparência e o minimalismo formal, com o uso de linhas retas (BENEVOLO, 2001).

O emprego dos materiais tecnológicos, focando na aparência moderna, com o uso dos vidros, para valorizar a continuidade espacial, possibilitar a integração com o local assim estimulando o convívio social das pessoas. A partir desse intuito, elementos do estilo brutalista surgem para agregar qualidades na edificação, destacando a utilização dos pilotis mostrando a estética da estrutura aparente, a construção de múltiplos espaços ordenados e organizados, pensados na melhor acomodação do usuário trazendo funcionalidade e flexibilidade a obra, também com o emprego de materiais como o concreto armado, madeira e aço. Por meio da união de elementos heterogêneos em uma construção, com a leveza e a pureza formal com a aparência dos materiais.

4.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES E SETORIZAÇÃO

Antes de iniciar essa etapa projetual, é de suma importância à elaboração do programa de necessidades, que conforme Moreira e Kowaltowski (2009) esse processo cumpre um papel importante tendo como intuito a aquisição, compreensão e organização dos conhecimentos para o desenvolvimento do projeto. Ainda Pinto (2013), define como a primeira etapa para a evolução projetual, estabelecendo condições a serem seguidas ao decorrer do processo, expor as necessidades do município e da população, identificar as atividades envolvidas no projeto, estabelecer os pré-dimensionamentos baseados nas

pesquisas e estudos de referências projetuais selecionadas conforme o caráter da implantação e dividindo as atividades em setores e ambientes distintos conforme sua utilização.

Baseado nas análises de correlatos e referências é possível elaborar o programa de necessidades permitindo a concretização das ideias adquiridas para o centro de eventos, que possa atender as carências do município e proporcionar espaços integrados ao entorno, abertos ao público fornecendo a socialização, o lazer, a cultura e a realização de eventos locais. Dividido em cinco setores, a edificação dispõe de espaços culturais, de lazer e eventos.

Tabela 1 - Programa de Necessidades e Setor: Cultural, Social, Serviço, Lazer e Eventos

SETOR	ITEM	AMBIENTES	DESCRIÇÃO	QUANT	ÁREA
CULTURAL	1	ANFITEATRO	APRESENTAÇÕES, PALESTRAS, SHOWS	1	713,00m ²
	2	ANTECÂMARA	ACESSO PARA O ANFITEATRO	2	20,30m ²
	3	SALA MULTIUSO	APRESENTAÇÕES, REUNIÕES, PALESTRAS, EVENTOS EM GERAL	3	150,00 à 285,00m ² CADA
	4	PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES	REALIZAÇÃO DE EVENTOS, EXPOSIÇÕES E FEIRAS	1	1.246,90m ²
	5	ATELIÊ CULTURAL	APRESENTAÇÕES, AULAS, CURSOS E OFICINAS	2	225,00m ² CADA
	6	SALA DE CONVENÇÕES	PALESTRAS, FEIRAS E CONGRESSOS PARA 93 PESSOAS	3	100,00m ² CADA
SETOR	ITEM	AMBIENTES	DESCRIÇÃO	QUANT	ÁREA
SOCIAL (ÁREAS PÚBLICAS)	7	ESTACIONAMENTO	95 VAGAS AUTOMÓVEIS E 10 VAGAS MOTOCICLETAS	2	3.015,20m ²
	8	RAMPA DE ACESSO	ACESSO PARA O ANFITEATRO	1	176,30m ²
	9	FOYER ANFITEATRO	RECEPÇÃO DAS PESSOAS	1	135,65m ²
	10	SANITÁRIOS FOYER ANFITEATRO	USO PÚBLICO (WC MASC. FEM. TROCADOR)	2	50,00m ² CADA
	11	SANITÁRIOS PNE	WC ACESSÍVEIS PARA O PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES	2	5,00m ² CADA
	12	TROCADOR INFANTIL	AUXILIAR OS PAIS NA TROCA DAS CRIANÇAS	1	16,65m ² CADA
	13	CIRCULAÇÃO VERTICAL	ESCADAS	4	26,00m ²
	14	CIRCULAÇÃO VERTICAL	ELEVADORES	6	6,40m ²
	15	PALCO ABERTO	APRESENTAÇÕES, SHOWS ABERTO AO PÚBLICO	1	56,90m ²
	16	FOYER SALA MULTIUSO	RECEPÇÃO DAS PESSOAS	1	192,58m ²
	17	SANITÁRIOS PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES	USO PÚBLICO PAVILHÃO (WC MASC. FEM.)	8	25,00m ² CADA
	18	SANITÁRIOS PNE	WC ACESSÍVEL PARA O PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES	11	5,00m ² CADA
	19	SANITÁRIOS SALA MULTIUSO	USO PÚBLICO SALA MULTIUSO (WC MASC. FEM.)	2	13,00m ² CADA
	20	SANITÁRIOS BLOCO DE EVENTOS	USO PÚBLICO (WC MASC. FEM.)	4	25,00m ² CADA
	21	PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO	ÁREA DE CONVÍVIO PARA 192 PESSOAS	1	500,00m ²
	22	HALL MEZANINO PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES	RECEPÇÃO DAS PESSOAS	1	281,20m ²
	23	SANITÁRIOS SALÕES DE FESTAS	USO PÚBLICO DO SALÃO DE FESTA (WC MASC. FEM. ACESSÍVEL)	4	25,00 à 30,00m ² CADA
	24	TROCADOR INFANTIL SALÕES DE FESTAS	AUXILIAR OS PAIS NA TROCA DAS CRIANÇAS	2	16,00m ² CADA

SETOR	ITEM	AMBIENTES	DESCRIÇÃO	QUANT	ÁREA
SERVIÇO	25	CARGA E DESCARGA	RECEBIMENTO EQUIPAMENTOS E MATERIAIS	1	1.306,95m²
	26	RECEBIMENTO	RECEBER MERCADORIAS	1	12,20m²
	27	CONTROLE	CONTROLE INTERNO FINANÇAS	1	17,30m²
	28	ALMOXARIFADO	ARMAZENAGEM DE PRODUTOS	1	27,10m²
	29	DML	ARMAZENAGEM PRODUTOS DE LIMPEZA GERAL	1	17,90m²
	30	VESTIÁRIOS FUNCIONÁRIOS	USO DE FUNCIONÁRIOS MASC. E FEM.	4	12,50m²
	31	SANITÁRIOS PNE	WC ACESSÍVEL	2	5,00m² CADA
	32	COPA	REFEIÇÕES DOS FUNCIONÁRIOS	2	8,00m²
	33	ESTOQUE DE ALIMENTOS	ARMAZENAGEM DE ALIMENTOS GERAL	1	16,35m²
	34	SALA DE REUNIÃO	REUNIÕES INTERNAS	1	34,60m²
	35	SALA MONITORIA E SEGURANÇA	SEGURANÇA GERAL	1	26,75m²
	36	ADMINISTRAÇÃO	SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS	2	17,80m²
	37	CENTRAL DE LIXO	DEPÓSITO DE RESÍDUOS	1	20,35m²
	38	CENTRAL DE GÁS	INSTALAÇÕES E ARMAZENAGEM DE GÁS	1	18,40m²
	39	CENTRAL DE AR	INSTALAÇÕES DE AR CONDICIONADO	1	27,30m²
	40	DEPÓSITO GERAL	ARMAZENAGEM DE OBJETOS	3	13,05m²
	41	SALA DE IMAGEM E SOM	USO DO ANFITEATRO	1	28,55m²
	42	SEGURANÇA E MONITORIA	SEGURANÇA	2	8,15m²
	43	SALA TÉCNICA	APOIO E ÁREA TÉCNICA GERAL	1	93,15m²
	44	CIRCULAÇÃO VERTICAL	ESCADA SERVIÇO	2	9,55m² CADA
	45	CIRCULAÇÃO VERTICAL	MONTA CARGA ELEVADORES	2	6,80m² CADA
	46	APOIO E INFORMAÇÃO	COMPARTILHAR INFORMAÇÕES	1	9,50m²
	47	CIRCULAÇÃO DE SERVIÇO	CIRCULAÇÃO GERAL	1	390,25m² TOTAL
	48	CAMARIM	USO DOS INTEGRANTES DA EQUIPE DE SHOWS	2	29,95m²
	49	SANITÁRIOS CAMARIM E SERVIÇO	USO CAMARINS E DE SERVIÇO (WC MASC. FEM.)	2	13,00m²
	50	SALA DE DESCANSO	USO DO ANFITEATRO	1	24,30m²
	51	ÁREA TÉCNICA	APOIO EM GERAL	3	7,85m²
	52	DEPÓSITO PAVILHÃO EXPOSIÇÕES	ARMAZENAGEM E ESTOQUE DE MATERIAIS	1	14,20m²
	53	GUARITA	SEGURANÇA E MONITORAMENTO VEÍCULOS	1	15,60m²
	54	SANITÁRIO	USO FUNCIONÁRIOS	1	3,70m²
	55	CAMARIM PALCO E SALA MULTIUSO	USO DOS INTEGRANTES DA EQUIPE DE SHOWS	1	7,45m²
	56	CAMARIM PALCO E SALA MULTIUSO	USO DOS INTEGRANTES DA EQUIPE DE SHOWS	3	16,00 à 25,00m² CADA
	57	SANITÁRIO CAMARIM	DESTINADO AO USO DO CAMARIM	2	4,60m²
	58	DML	ARMAZENAGEM PRODUTOS DA COZINHA	2	9,55m²
	59	DESPENSA COZINHA	ARMAZENAGEM ALIMENTOS DA COZINHA	3	6,60m²
	60	DEPÓSITO COZINHA	ARMAZENAGEM DE OBJETOS	2	6,75m²
	61	ÁREA SUJA	RECEPÇÃO DE LOUÇAS SUJAS	3	8,15m²
	62	ÁREA PREPARAÇÃO	PREPARO DE ALIMENTOS PRATOS	3	15,45m²
	63	COZINHA	ÁREA DE PRODUÇÃO	3	23,95m²
	64	BAR	COPA DE BEBIDAS	3	16,85m²
	65	COZINHA RESTAURANTE CAFÉ	ÁREA ALIMENTÍCIA	1	29,15m²
	66	SECRETARIA	SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS	1	4,50m²
	67	ATENDIMENTO E CAIXA	ATENDIMENTO AO PÚBLICO	1	34,70m²
SETOR	ITEM	AMBIENTES		QUANT	ÁREA
LAZER	68	PRAÇA DE CONVÍVIO	ÁREA COM BANCOS E CHAFARIZ DESTINADA AO CONVÍVIO SOCIAL	1	566,90m²
	69	PRAÇA CÍVICA DE SHOWS / CONVÍVIO	ÁREA DE CONVÍVIO PARA CONTEMPLAÇÃO DE SHOWS AO AR LIVRE	1	2.220,00m²
	70	RESTAURANTE CAFÉ	ÁREA DE CONVÍVIO E ALIMENTAÇÃO COM CONTEMPLAÇÃO PARA A PRAÇA	1	625,10m²

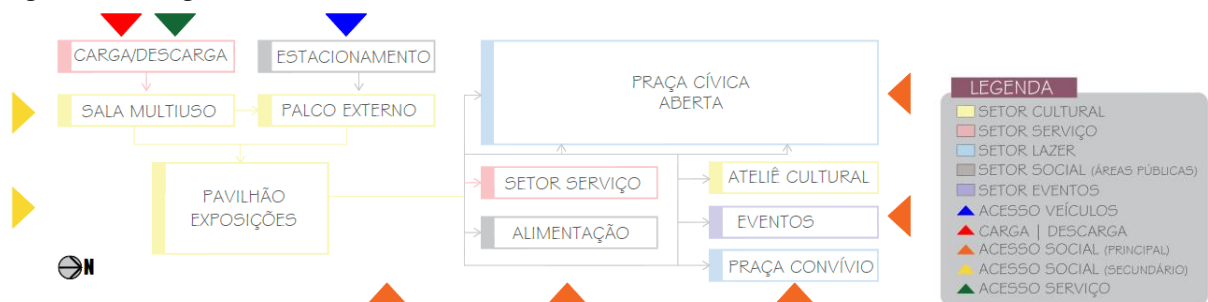
SETOR	ITEM	AMBIENTES		QUANT	ÁREA
EVENTOS	71	SALÃO DE EVENTOS I	REALIZAÇÃO DE EVENTOS, FESTAS, COMEMORAÇÕES E SHOWS	I	1.870,00m ²
	72	SALÃO DE EVENTOS II	REALIZAÇÃO DE EVENTOS, FESTAS, COMEMORAÇÕES E SHOWS	I	700,00m ²
	73	MEZANINO SALÃO DE EVENTOS I	REALIZAÇÃO DE EVENTOS, FESTAS, COMEMORAÇÕES E SHOWS	I	1.265,00m ²

Fonte: Programa Excel, elaborado pela autora (2019).

4.5 FLUXOGRAMA E PLANO DE MASSA

O fluxograma visa a melhor compreensão da distribuição dos setores no terreno, assim facilitando o desenvolvimento do plano de massa. A princípio o fluxograma geral (figura 39) organiza a ideia da proposta, determinando os acessos e a melhor localização para os setores.

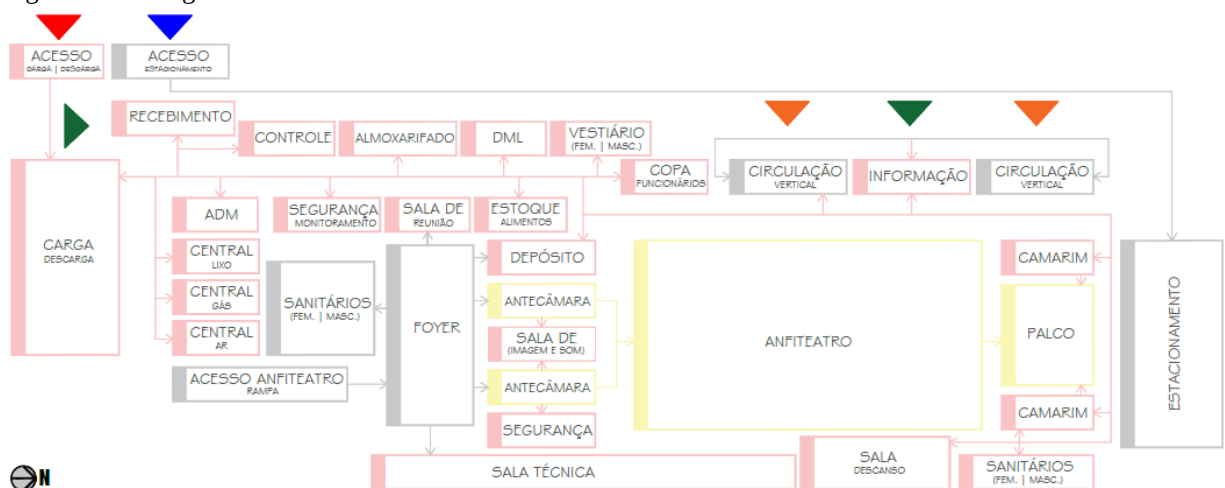
Figura 39: Fluxograma Geral



Fonte: Programa AutoCad, elaborado pela autora (2019).

A partir disso, cria-se o fluxograma específico por pavimentos no qual é detalhada a distribuição e a ligação entre os ambientes, à definição dos acessos públicos e privados em relação ao local. A proposta para o subsolo (figura 40) é propor grande concentração de serviço e estacionamentos, porém priorizar o setor cultural pelo anfiteatro subterrâneo.

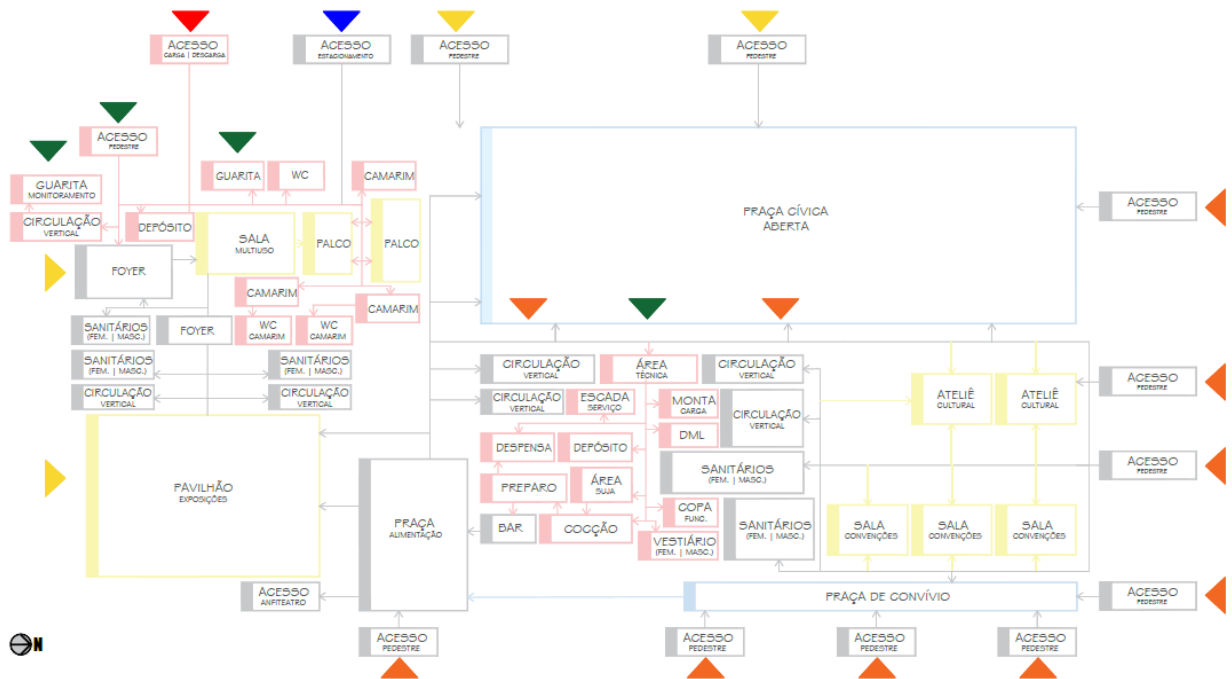
Figura 40: Fluxograma Subsolo



Fonte: Programa AutoCad, elaborado pela autora (2019).

Para o fluxograma térreo (Figura 41), a ideia é que o edifício possa acolher o indivíduo, propondo uma planta térrea de livre acesso e integrada à praça cívica aberta ao público, possibilitando uma circulação interligada com os setores culturais e sociais, fornecendo ao usuário uma ampla visualização do entorno e da praça. Separando as circulações e acessos de serviços das áreas públicas e sociais.

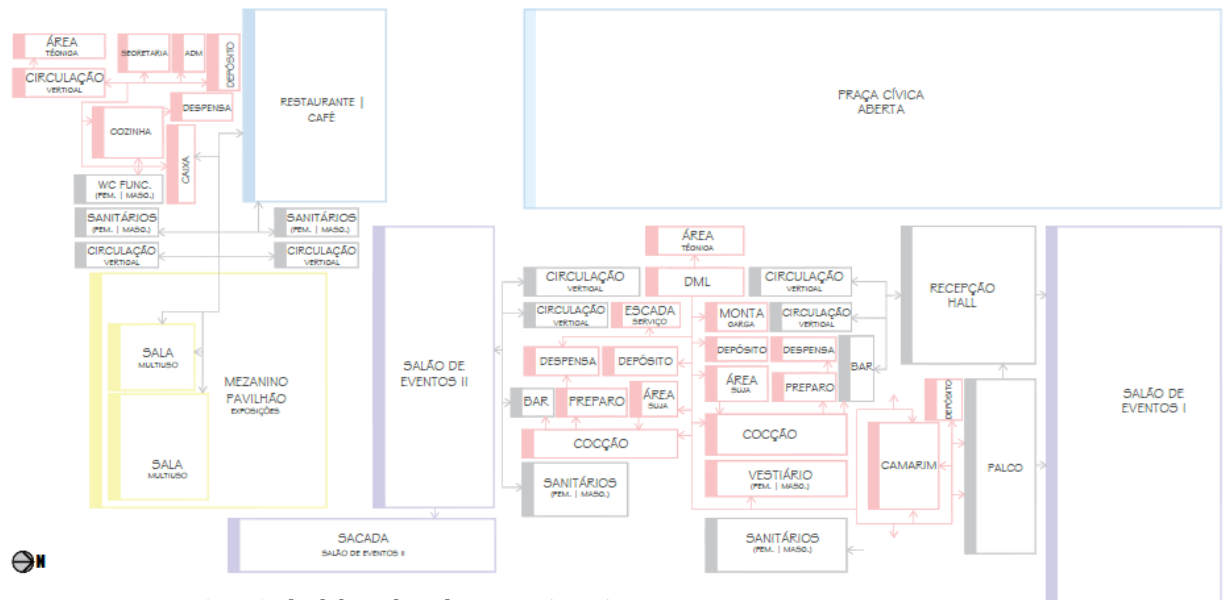
Figura 41: Fluxograma Térreo



Fonte: Programa AutoCad, elaborado pela autora (2019).

No primeiro pavimento (figura 42) buscou-se organizar e configurar amplas áreas sociais e públicas que possam envolver a sociedade, visando estimular a socialização e propor ambientes funcionais e flexíveis com vista privilegiada para a praça cívica.

Figura 42: Fluxograma 1º Pavimento



Fonte: Programa AutoCad, elaborado pela autora (2019).

Com a elaboração do plano de massa, é possível visualizar de forma mais clara a implantação, os acessos e os ambientes interligados entre si, etapa que para Macedo (1989) auxilia no desenvolvimento e aperfeiçoamento da proposta projetual, podendo surgir questionamentos e possíveis estudos para melhores possibilidades espaciais.

O subsolo (figura 43) foi destinado para o setor de serviço, carga e descarga, ao estacionamento público e ainda ao setor cultural por meio do anfiteatro subterrâneo.

Figura 43: Plano de Massa Subsolo



Fonte: Programa AutoCad, elaborado pela autora (2019).

Proposto por espaços abertos ao público, o térreo (figura 44) visa à preocupação em estimular o convívio social, a cultura e o lazer da população, integrando os indivíduos e promovendo a socialização dos mesmos, por meio de praça destinada ao lazer, a realização de atividades e shows, contempla de salas para convenções, ateliê cultural e ainda uma ampla praça de alimentação, ambientes esses propostos no bloco I atendendo ao setor cultural. O

bloco II foi destinado ao pavilhão de exposições implantado na lateral sul do terreno paralelo a Rua Jorge Antônio de Oliveira, que visa destacar a contemplação da paisagem, com um palco aberto ao público possibilitando a utilização de eventos externos e livres, desse modo pretende-se funcionalizar os ambientes para proporcionar diversas possibilidades de uso.

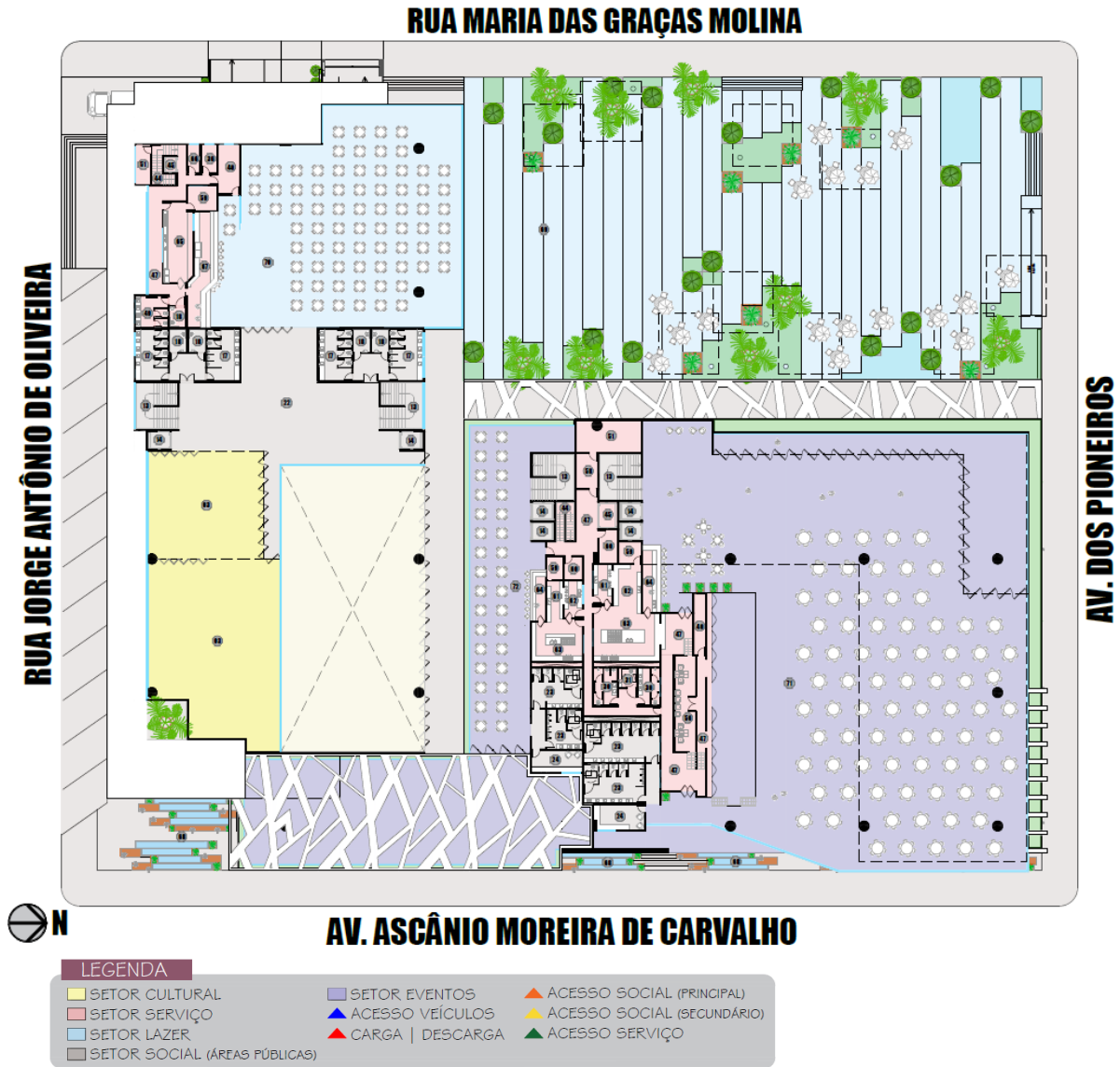
Figura 44: Plano de Massa Térreo



Fonte: Programa AutoCad, elaborado pela autora (2019).

O primeiro pavimento (figura 45) no bloco I abrange o setor de eventos e por meio de um mezanino no bloco II que agrega o setor cultural com salas multiuso que possibilitam possíveis ampliações e modificações espaciais conforme a necessidade do usuário e ainda envolve o setor social destinado ao lazer, pois contém um restaurante, café destinado ao uso público, com uma privilegiada vista para a praça aberta.

Figura 45: Plano de Massa Primeiro Pavimento



Fonte: Programa AutoCad, elaborado pela autora (2019).

Por fim, o segundo pavimento (figura 46) foi organizado no bloco I no setor de eventos, sendo uma complementação de um dos salões de eventos, pela utilização de um amplo mezanino. Dessa forma, a edificação foi disposta para oportunizar amplos espaços de qualidade tornando-os livres para o convívio, destinados ao lazer, cultura e a socialização da população.

Figura 46: Plano de Massa Segundo Pavimento



Fonte: Programa AutoCad, elaborado pela autora (2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade atual presencia problemas preocupantes de isolamento social que cresce a cada dia, devido o grande desenvolvimento tecnológico, afastando as pessoas do contato e da interação social. Por meio dessa preocupação e devido à cidade estar em constante crescimento e desenvolvimento, o município necessita de espaços adequados para a realização de eventos, assim qualificando a existência de festividades atuais e oportunizando novos acontecimentos sociais atendendo a demanda local e regional. Atualmente, os poucos salões que abrigam eventos da cidade, contam com antigas instalações e carência de infraestrutura adequada, com isso, é possível constatar que a falta dos mesmos empobrece o setor de lazer, afetando a socialização da população. Tendo em vista, o sucesso obtido com centro de eventos em cidades de crescimento, enxerga-se a necessidade de preencher uma área que ainda não é explorada no município.

A partir disso, o capítulo introdutório traz uma apresentação geral sobre o tema, abordando tópicos da justificativa para a escolha do tema, o problema que conduz a pesquisa elaborada pelo seguinte questionamento, a cidade de Ubiratã comporta a ideia de receber um inovador Centro de Eventos, propondo por meio da arquitetura a necessidade de suprir um único espaço que envolva tanto o lazer, como a cultura e a socialização através da participação social, fazendo com que o município possa se desenvolver, atendendo a comunidade local e regional, podendo ainda, se tornar referência para as demais cidades? Adiante as hipóteses iniciais que aborda as possíveis respostas ao problema, o objetivo geral da pesquisa ligado aos objetivos específicos contendo as etapas à serem pesquisadas, o marco teórico como eixo principal da pesquisa e a metodologia à ser aplicada no trabalho.

Composto pelas fundamentações arquitetônicas, revisões bibliográficas e embasamento teórico voltado ao tema proposto o segundo capítulo inclui o contexto histórico, conceitos em relação ao município de Ubiratã, referenciando o surgimento de eventos, a relação do evento e lazer como desenvolvimento econômico, à arquitetura como transformação do entorno, arquitetura como lazer, socialização e entretenimento para a sociedade, espacialidade e funcionalidade arquitetônica, espaços livres e sua organização junto à edificação, assim por diante.

O terceiro capítulo abrange a realização de análises de referências e obras correlatas, explorando seus aspectos funcionais, formais e construtivos que permitem o embasamento

para o desenvolvimento da elaboração do projeto centro de eventos, utilizando as contribuições que as obras irão agregar para o projeto.

Em continuidade, no quarto capítulo é ressaltado as diretrizes projetuais aplicadas para atender as exigências do projeto, fornecendo qualidade espacial para a população, abrange a escolha de conceito, partido arquitetônico, estudo do terreno referente ao local de implantação e o programa de necessidades, assim norteando para a evolução do projeto arquitetônico.

Essas etapas descritas serviram de caminho para auxiliar na elaboração e no desenvolvimento da proposta arquitetônica, ajudando a alcançar o objetivo de promover espaços culturais, de lazer e eventos adequados e ativos que possa oportunizar e incentivar a socialização, a diversão, o entretenimento, o lazer e a interação entre a comunidade, proveniente da arquitetura como elemento de marco visual na paisagem urbana, valorizando a identidade local.

Chega-se a conclusão de que devido seu crescimento, aumento populacional e seu desenvolvimento municipal, conseqüentemente existe o avanço na demanda de saúde, educação e socialização da população, então pressupõe-se que Ubatuba comporta espaços festivos, sociais, culturais e de lazer, suprimindo essa carência local que é a falta de espaços que promova eventos. A implantação do centro de eventos ocasionará a melhor vivência social e cultural das pessoas, atendendo à população local e ainda recebendo pessoas de outras regiões, através da utilização de uma arquitetura como referencial físico e visual, agregando para o município se tornar cada vez mais valorizado e desenvolvido.

REFERÊNCIAS

ABBUD, B. **Criando Paisagens**. São Paulo: Senac, 2006.

_____. **Criando Paisagens**. 4.ed. São Paulo: Senac, 2010.

ALBA, S. G. D. **Estrutura permanente para o festival internacional do folclore e centro social Passo-Fundense Multiuso**. 2015. Faculdade Meridional – IMED, Escola de Arquitetura e Urbanismo. Passo Fundo, RS.

ALCANTARA, D. de; ARAÚJO, M. Q.; RHEINGANTZ, P. A. **Os sentidos humanos e a construção do lugar: em busca do caminho do meio para o desenho universal**. Anais do Seminário Acessibilidade no Cotidiano. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <http://www.prolugar.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/10/os_sentidos_humanos_safe.pdf> Acesso em: 20 Fev. 2019.

ALEX, S. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Senac, 2008.

ALMEIDA, J. G. **Arquitetura e espaço uso: por uma abordagem descritiva e interpretativa dos espaços abertos**. Revista de estética e semiótica, v. 1, n. 1. Brasília, 2011.

ALVES JUNIOR, E. D.; MELO, V. A. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

AMARAL, A. C. F. do. **Arquitetura Inclusiva: Centro de Arte, Cultura e Convivência**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário SENAC, Campus Santo Amaro. São Paulo, 2016. Disponível em <https://issuu.com/senacbau_201201/docs/anacristinaamaral_tcc_caderno>. Acesso em: 13 Mar. 2019.

ANAC, Agência Nacional de Aviação Civil. **Manual de Eventos**. 1.ed. Brasília: ASCOM, Assessoria de Comunicação Social, 2012. Disponível em <http://ead2.iff.edu.br/pluginfile.php/20252/mod_resource/content/0/Manual_Eventos_da_ANAC.pdf>. Acesso em: 20 Fev. 2019.

ANDRADE, R. B. **Manual de eventos**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

_____. **Manual de eventos**. 2.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

ANJOS, C. **Centro cultural e assistencial infantil: Uma fábrica de Criatividade**. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2007. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/5576462/TFG-Centro-Cultural-e-Assistencial-Infantil-Claudia-dos-Anjos>>. Acesso em: 25 Fev. 2019.

ARCHDAILY. **Centro Cultural Les Quinconces / Babin+Renaud**. Trad. (Pedrotti, Gabriel), 2015. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/760866/centro-cultural-les-quinconces-babin-plus-renaud>>. Acesso em 05 Mai. 2019.

ARTIGAS, J. B. V. **Caminhos da arquitetura**. [Organização José Tavares Correia de Lira, Rosa Artigas. Inclui a Função Social do Arquiteto]. 4.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

BAHIA, M. C.; COSTA, M. C.; CABRAL, D. M.; CARAVELAS, D. C. **Os espaços e equipamentos de lazer das cidades: o caso de Belém**. In: Silvio Lima Figueiredo. (Org.). Turismo, Lazer e Planejamento Urbano e Regional. Belém, 2008.

BAHL, M.. **Eventos: A importância para o turismo do terceiro milênio**. São Paulo: Roca, 2003.

BARATTO, R. **Concurso Centro Cultural de Eventos e Exposições**: Cabo Frio, Nova Friburgo e Paraty. 2014. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-183671/resultados-do-concurso-centro-cultural-de-eventos-e-exposicoes-nil-cabo-frio-nova-friburgo-e-paraty>>. Acesso em 07 Mai. 2019.

BATTISTELLA, L. R.; BRITO, C. M. M. Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF). **Acta Fisiátrica**. São Paulo, n. 2, v. 9. Ago. 2002. Disponível em <http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe_artigo.asp?id=301>. Acesso em: 10 Mar. 2019.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. Disponível em <<http://zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/t1243.pdf>>. Acesso em: 02 Mar. 2019.

BAYHAN, B. **Concurso do Centro de Cultura e Juventude do Município de Izmir Selçuk**. 2016. Disponível em: <<http://www.arkitera.com/proje/6914/katilimci-izmir-selcuk-belediyesi-kultur-ve-genclik-merkezi-yarismasi2>>. Acesso em 10 Mai. 2019.

BENEVOLO, L. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

BENI, M. C. **Globalização do turismo: Megatendências do setor e a realidade brasileira**. São Paulo: Aleph, 2003.

BORGES, R. M. **Barreiras urbanísticas: acessibilidade das pessoas com deficiência na cidade de cruz alta, o despertar de um novo tempo**. UNICRUZ, Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em <<https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2017/06/RUBENS-MORAES.pdf>>. Acesso em: 10 Mar. 2019.

BRITTO, J.; FONTES, N. **Estratégias para Eventos: uma ótica do marketing e do turismo**. São Paulo: Editora Aleph, 2002.

CAMARGO, L. O. L. **O que é Lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAMELO, P. M. **A moda como atrativo turístico: contribuições do festival da moda de fortaleza para o segmento de eventos**. Universidade Estadual do Ceará Centro de Ciências e Tecnologia Centro de Estudos Sociais Aplicados Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos. Fortaleza, 2015. Disponível em <<http://www.uece.br/mpgnt/dmdocuments/priscilamedeiroscamelo.pdf>>. Acesso em: 20 Fev. 2019.

CAMPOS, L. C. A. M. **Eventos: oportunidades de novos negócios**. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.

CANNAVÒ, P. Programar a flexibilidade. **Revista Jornal dos Arquitetos**. JA, nº 222, 2006. Disponível em <<http://arquitectos.pt/documentos/122631851211hRZ7ew4Xe04EO2.pdf>>. Acesso em: 21 Fev. 2019.

CESCA, C. G. G. **Organização de Eventos: manual para planejamento e execução**. 9.ed. Revista e Atualizada. São Paulo: Summus, 1997. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=ikzxGAM5E5gC&pg=PA191&dq=Organiza%C3%A7%C3%A3o+de+Eventos.&f=false>>. Acesso em: 18 Dez. 2018.

CHING, F. D. K. **Arquitetura, Forma, Espaço e Ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Arquitetura de Interiores ilustrada**. 2.ed. São Paulo: Bookman, 2006.

CHOAY, F. **O Urbanismo**. 5.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

_____. **Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. Tradução Dafne Nascimento Guimarães. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CIDADE PORTAL. **Expobira 2017**. Paraná, 2017. Disponível em <<https://ubirata.cidadeportal.com.br/noticia/28913/11-05-17/todos-estao-convidados-%C2%A0expobira-2017-comeca-hoje>> Acesso em: 27 Dez. 2018.

COELHO NETTO, J. T. **A Construção do Sentido na Arquitetura**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva. 1979.

COLIN, S. **Uma Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

COLIN, S. **Uma Introdução à Arquitetura**. 5.ed. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2006.

COMISSÃO, V. **Manual para acessibilidade aos prédios residenciais da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PMRJ / FUNLAR / CIV-Rio / IBAM, 2003. Disponível em <http://www.ibam.org.br/media/arquivos/estudos/manual_acess_rj.pdf>. Acesso em 15 Mar. 2019.

CONFEEA, Conselho Federal de Engenharia e Agronomia. **Acessibilidade**: guia prático para o projeto de adaptações e novas normas. 2.ed. São Paulo: Revista e Ampliada, 2018. Disponível em <http://www.confear.org.br/media/cartilha_acessibilidade_PDF_site.pdf>. Acesso em: 12 Mar. 2019.

CORBELLA, O.; YANNAS, S. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos**: Conforto Ambiental. Rio de Janeiro: Revam, 2003.

CORBUSIER, L. **A Carta de Atenas**. São Paulo: EdUSP, 1993.

COSTA, L. **Lucio Costa: Registro de uma Vivência**. 2.ed. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. Disponível em <https://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/188916/mod_resource/content/3/Razoes_da_nova_arquitetura.pdf>. Acesso em: 20 Jan. 2019.

COSTA, N. T. V. **Os eventos como Estratégia de Comunicação e de Marketing**: Dando Asas para a Experimentação e Consolidação da Marca. Universidade Federal De Juíz de Fora Faculdade de Comunicação Social, 2009.

COSTA, L. **Considerações Sobre Arte Contemporânea**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952. Disponível em <<http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/4097>> Acesso em: 02 Jan. 2019.

COUTINHO, H. R. M. **Organização de Eventos**. Centro de Educação Tecnológica do Amazonas. Manaus, 2010. Disponível em <http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_hosp_lazer/061112_org_eventos.pdf>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. 1.ed. Lisboa: Edições 70, 1996. Disponível em <<https://estudanteuma.files.wordpress.com/2015/05/cullen-gordon-paisagem-urbana.pdf>>. Acesso em: 01 Mar 2019.

_____. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2002.

DEL RIO, V. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DIAS, J.; MARTINS, L. M. **Turismo de eventos e o potencial dos eventos técnicos científicos**. Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. Campo Mourão. 2011. Disponível em <http://www.fecilcam.br/anais/vii_enppex/PDF/turismo/17-turismo.pdf>. Acesso em: 21 Dez. 2018.

DIGIACOMO, M. C. **Estratégias de projeto para habitação social flexível**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86944>>. Acesso em: 21 Fev. 2019.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva Sesc, 1999.

EDUARDO, A. A.; CASTELNOU, A. M. N. **Bases para o Projeto de Centros de Cultura e Arte**. Ibiaporã, PR: Revista Terra e Cultura, nº 45, Ano 23. Dezembro, 2007. Disponível em <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n45/terra_10.pdf>. Acesso em: 13 Fev. 2019

ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. **Relacionando espaços e comportamentos para definir o programa do projeto arquitetônico**. Projetar. Seminário nacional sobre ensino e pesquisa em projeto de arquitetura. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2003. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/268400861_RELACIONANDO_ESPACOS_E_COMPORTAMENTOS_PARA_DEFINIR_O_PROGRAMA_DO_PROJETO_ARQUITETONICO>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

FERNANDES, Fernanda. **Cidades Universitárias: Patrimônio urbanístico e arquitetônico da USP**. 1.ed. São Paulo. Edusp 2004.

FORTES, W. G.; SILVA, M. B. R. **Eventos: Estratégias De Planejamento E Execução**. São Paulo: Summus Editorial, 2011. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=Ar_qAgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 11 Dez. 2018.

FREITAS, N. **CULTURA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL**. Caderno 3. Dezembro, 2004. Disponível em <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/cultura-edesenvolvimentosocial-1.694678>>. Acesso em: 12 Fev. 2019.

FREIBERGER, Z.; OLIVEIRA, M. **Cerimonial, Protocolo e Eventos**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Paraná. Educação a Distância. Rede e-Tec Brasil: Curitiba, 2012. Disponível em <http://ead.ifap.edu.br/netsys/public/livros/Livros%20Curso%20Servi%C3%A7os%20C3%BAblicos/M%C3%B3dulo%20IV/Cerimonial,%20Protocolo%20e%20Eventos/Livro_Cerimonial%20protocolo%20e%20eventos.pdf>. Acesso em: 21 Dez. 2018.

GABRIEL, J. M.; IKEDA, R. M. **CENTRO DE CONVENÇÕES E O TURISMO DE NEGÓCIOS**. Revista Eletrônica de Ciências Empresariais. Ano I, Nº 01, 2007. Disponível em <<http://web.unifil.br/docs/empresarial/2.pdf>>. Acesso em: 11 Dez. 2018.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIACAGLIA, M. C. **Gestão Estratégica de Eventos: Teorias, Práticas, Casos, Atividades**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

_____. **Organização de eventos: teoria e prática**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

_____. **Organização de eventos: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

GIACOMO, C. **Tudo acaba em festa: evento, líder de opinião, motivação e público**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLANCEY, J. **A História da arquitetura**. São Paulo: Loyola, 2001

GOIN, A.; LOVIZON, E. **Organização de Eventos: Diferencial do Secretariado**. Universidade de Passo Fundo UPF. Rio Grande do Sul, 2010.

GOMES, C.; ELIZALDE, R. **Horizontes latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte: FMG, 2012. Disponível em <https://grupootium.files.wordpress.com/2012/06/horizontes_latino_americanos_lazer_junho_20123.pdf>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

GONÇALVES, C. L. A. **Organização de Eventos com Arte e Profissionalismo**. Fortaleza: SEBRAE, 2001.

GURGEL, M. **Projetando espaços: guia de Arquitetura de interiores para áreas comerciais**. São Paulo: SENAC, 2005.

HEREDA, J. F. Caixa Econômica Federal. **Cartilha de Acessibilidade a Edificações, Espaços e Equipamentos Urbanos**. 2010. Disponível em <http://autogestao.unmp.org.br/wp-content/uploads/2014/11/Cartilha_Acessibilidade.pdf>. Acesso em: 13 Mar. 2019.

HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **História de Ubatã**. Paraná, 2017. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ubirata/historico>>. Acesso em: 16 Fev. 2019.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População de Ubitatã**. Paraná, 2017. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ubitata/panorama>>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da População do Brasil e das Unidades da Federação**. Brasília, 2017. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 10 Mar. 2019.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 1.ed. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Disponível em <<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3843818/course/section/923498/JACOBS-Jane-1961-Morte-e-Vida-de-Grandes-Cidades%20%281%29.pdf>>. Acesso em: 05 Mar. 2019.

JOURDA, F. H. **Pequeno manual do projeto sustentável**. 1.ed. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.

KARLEN, M. **Planejamento de espaços internos: com exercícios**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

KOOLHAAS, R. **Nova York Delirante: Um Manifesto Retroativo para Manhattan**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

KRUSE, F. **Intervenções em Centros Urbanos: O caso da antiga área portuária**. Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://www.ufrgs.br/propur/teses_dissertacoes/Fabiana_Kruse.pdf>. Acesso em: 15 Fev. 2019.

KÜCHEMANN, B. A. **Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios**. Sociedade e Estado, vol. 27, nº 1. Brasília, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000100010>. Acesso em: 10 Mar. 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo, 2003.

LAMAS, J. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LEITÃO, T. Rede Brasil Atual. **Pessoas com deficiência representam 24% da população brasileira**. Agência Brasil, 2012. Disponível em <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidades/2012/06/pessoas-com-deficiencia-representam-24-da-populacao-brasileira-1>>. Acesso em: 15 Mar. 2019.

LERNER, J. **Acupuntura Urbana**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LIRA FILHO, J. A. **Paisagismo: Princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. **Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções**. Guarapuava, v.1, n.1, 2005. Disponível em <<https://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/viewFile/157/185>>. Acesso em: 01 Mar. 2019.

LYNCH, K. **The image of the city**. Cambridge: The MIT Press, 1960. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=_phRPWsSpAgC&printsec=frontcover&dq=The+image+of+the+city.&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi2zL7gz-TgAhUSHLkGHTS_DmoQ6AEIKTAA#v=onepage&q=The%20image%20of%20the%20city.&f=false>. Acesso em: 20 Fev. 2019.

MACEDO, S. S. **Espaços Livres. Paisagem e Ambiente**. São Paulo: Ensaios, 1995.

_____. **Plano de Massas: Um instrumento para o desenho da paisagem**. Paisagem e ambiente: ensaios. n. 3. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU, 1989. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/133630/129598>> Acesso em: 15 Mai. 2019.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

MACHADO, P. A. L. **Direito Ambiental Brasileiro**. 9.ed. São Paulo: Malheiros, 2001.

MACIEL, M. L.; ALBAGLI, S. **Informação e Desenvolvimento**: conhecimento, inovação e apropriação social. Brasília: IBICT, UNESCO, 2007. Disponível em <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/793/1/informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20desenvolvimento.pdf>>. Acesso em: 21 Fev. 2019.

_____. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. 10.ed. Campinas: Papirus, 2003.

MARTIN, V. **Manual prático de eventos**. 1.ed. São Paulo: Atlas, 2007. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=QmHjBwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=eventos+martin&hl=pt->>. Acesso em: 21 Dez. 2018.

MARTINS, M. S.; SILVEIRA, K.; ROMANINI, A.; BERNARDES, M.; LANTELME, E. **Arquitetura inclusiva**: centro de habilitação e reabilitação para deficientes visuais. ENEAC VI Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído, Recife, 2016. Disponível em <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/eneac2016/ACE05-4.pdf>>. Acesso em: 12 Mar. 2019.

MASCARÓ, J. L. **Infra-Estrutura da Paisagem**. Porto Alegre: Masquatro, 2008.

_____. **Vegetação urbana**. Porto Alegre: Masquatro, 2005.

MASSARI, S. A. **A igualdade começa pelo planejamento das cidades**. IBDA - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento da Arquitetura, Fórum da construção, 2004. Disponível em <<http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=32&Cod=187>>. Acesso em: 14 Mar. 2019.

MATIAS, M. **Organização de eventos**: procedimentos e técnicas. São Paulo: Manole, 2007.

MEIRELLES, G. F. **Eventos: Seu negócio, seu sucesso**. São Paulo. IBRADEP, 2003.

_____. **Tudo sobre eventos**. São Paulo: STS, 1999.

MELO NETO, F. P. **Criatividade em eventos**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Marketing de eventos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2007.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

_____. **Tudo sobre eventos**. São Paulo: STS, 1999.

MILANESI, L. **A Casa da Invenção**: Biblioteca, Centro de Cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MINDA, J. E. C. **Os espaços livres públicos e o contexto social**: O caso da praça principal de Pitalito, Huila, Colômbia. Brasília, 2009. Disponível em <<https://docplayer.com.br/38940946-Os-espacos-livres-publicos-e-o-contexto-local.html>>. Acesso em: 25 Fev. 2019.

MINTO, F. C. N. **A experimentação prática construtiva na formação do arquiteto**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-26042010-152603/pt-br.php>>. Acesso em: 20 Fev. 2019.

MIRANDA, D. S. de. **O Parque e a Arquitetura**: uma proposta lúdica. 2.ed. São Paulo: Papirus, 2001.

MONASTERIO, C. M. C. T. **O processo de projeto da arquitetura efêmera vinculada a feiras comerciais**. Universidade Estadual de Campinas, 2006. Disponível em <http://www.fec.unicamp.br/~laforma/art/Monasterio_CleliaMariaCoutinhoTeixeira_M.pdf>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

MONTANER, J. M. **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

- MORAES, O. D. **Centro Cultural: O Espaço da Cultura**. Trabalho de Conclusão de curso. Arquitetura e Urbanismo, FAG. Faculdade Assis Gurgacz, Cascavel/PR, 2012. Disponível em <<http://www2.fag.edu.br/professores/arquiteturaeurbanismo/TC%20CAUFAG/TC2012/Os%e9as%20Denis%20Moraes/>>. Acesso em: 10 Fev. 2019.
- MOREIRA, D. C.; KOWALTOWSKI, D. C. K. Discussão sobre a importância do programa de necessidades no processo de projeto em arquitetura. **Revista Ambiente Construído**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, abr./jun. 2009, p. 31-45.
- MOUMER, A. J. B.; SANTOS, J. A. L. **Centro de Convenções para Cuiabá, Mato Grosso**. Universidade de Cuiabá – UNIC. Mato Grosso, 2012. Disponível em <<https://vdocuments.site/artigo-tfg-centro-de-convencoes-abilio-brunini.html>>. Acesso em: 20 Dez. 2018.
- MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NAKANE, A. **Técnicas de organização de eventos**. Rio de Janeiro: Infobook, 2000.
- NBR 9050/2015: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos**. Disponível em <<http://www.ufpb.br/cia/contents/manuais/abnt-nbr9050-edicao-2015.pdf/view>>. Acesso em: 12 Mar. 2019.
- NERI, M.; PINTO, A.; SOARES, W.; COSTILHA, H. **Retratos da deficiência no Brasil (PPD)**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2003. Disponível em <https://www.cps.fgv.br/cps/deficiencia_br/PDF/PPD_P%C3%A1ginasIniciais.pdf>. Acesso em 16 Mar. 2019.
- NEUFERT, E. **A arte de projetar em arquitetura**. São Paulo: Gustavo Gilli, 1998.
- OKAMOTO, J. **Percepção ambiental e comportamento**. 2.ed. São Paulo 1996.
- ORMSTEIN, S. W.; ALMEIDA PRADO, A. R. de; LOPES, M. E. **Desenho Universal: caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.
- OLIVEIRA, S. M. T. **Práticas de Planejamento e Organização de Eventos**. Brasília: IFB, 2016.
- PELLEGRIN, A. **Os Contrastes do Ambiente Urbano: espaço vazio e espaço de lazer**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1999.
- PERAHIA, R. **Cidades e Seu Espaço Público**. Os problemas das soluções atuais do mundo e as alternativas da geografia e das ciências sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/perahia.htm>>. Acesso em: 25 Fev. 2019.
- PINTO, A. D. S. **O papel do programa de necessidades no processo de projeto arquitetônico**. Revista Especialize On-line IPOG. Goiânia, 5ed. , nº 5, v. 01/2013.
- PINTO, G. B.; PAULO DE, E.; SILVA DA, T. C. **Os Centros Culturais como Espaço de Lazer Comunitário: O Caso de Belo Horizonte**. CULTUR, Revista de Cultura e Turismo, ano 06, nº 02. Belo Horizonte, 2012. Disponível em <<http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/286>>. Acesso em: 10 Fev. 2019.
- PIZZOL, K. S. A. **Uso e apropriação dos espaços livres públicos e informais de uma área urbana em João Pessoa**. Universidade Federal da Paraíba. Dissertação do Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, PRODEMA, Paraíba, 2005. Disponível em <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4591/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 12 Mar. 2019.
- PORTAL UBIRATÃ. **Comemoração ao Dia da Mulher**. Assessoria de comunicação, 2018. Disponível em <<http://ubirataonline.com.br/2018/09/05/apresentacoes-em-comemoracao-ao-dia-da-mulher-aconteceu-no-colegio-carlos-gomes/>>. Acesso em: 20 Fev. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBIRATÃ. **Expobira**. Todos Juntos Rumo ao Futuro, 2018. Disponível em <<http://ubirata.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368vfb0&id=1357991>> Acesso em: 10 Fev. 2019.

_____. **Festival de Música de Ubiratã revelando grandes talentos**. Todos Juntos Rumo ao Futuro, 2018. Disponível em <<http://ubirata.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368vfb0&id=1386359>>. Acesso em: 18 Fev. 2019.

_____. **Nossa Cidade**. História da Cidade, 2018. Disponível em <<http://ubirata.pr.gov.br/index.php?sessao=7bb79051a8nc7b&id=1111>>. Acesso em: 15 Fev. 2019.

_____. **Programação do aniversário de Ubiratã**. Todos Juntos Rumo ao Futuro, 2018. Disponível em <<http://www.ubirata.pr.gov.br/index.php?sessao=fad181102bvffa&id=16913>> Acesso em: 27 Dez. 2018

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Priberam Informática - Versão online. Porto, Lello Editores, 2013-2018. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org>> Acesso em: 21 Dez. 2018.

PRONSATO, S. A. D. **Arquitetura e paisagem**: projeto participativo e criação coletiva. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fupam, 2005

PUPO, D. T.; MELO, A. M.; FERRÉS, S. P. **Acessibilidade**: Discurso e Prática no Cotidiano das Bibliotecas. Campinas, SP: UNICAMP/ BCCL, 2006. Disponível em <<http://www.fcee.sc.gov.br/index.php/informacoes/biblioteca-virtual/acessibilidade/486-livro-acessibilidade-bibliotecas/file>>. Acesso em: 13 Mar. 2019.

QUALHARINI, E.; ANJOS, F. C. **O Projeto sem barreira**. Niterói: EDUFF, 1997.

RIBEIRO, D. **Denso olhar de um sábio**. Revista AU, ano 2, nº 4. São Paulo, 1986.

RIBEIRO, T. **Turismo lança calendário Nacional de Eventos**. Ministério do Turismo. Brasília, 2016.

RIGHETTO, A. V. D. **Metodologias projetuais em arquitetura**. Curitiba, PR: Graphica, 2007. Disponível em <http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/METODOLOGIAS.pdf>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras**. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

ROLNIK, R. **O lazer humaniza o espaço urbano**. In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC, 2000. Disponível em <<https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2009/08/lazerhumanizaespacourbano.pdf>>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

ROMERO, M. A. **A Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ROSA, C. N. P; KRÜGER, J. **Série de Cadernos Técnicos da Agenda Parlamentar**: Acessibilidade. O Paraná em debate: Assessoria de Comunicação Social do CREA-PR, 2016. Disponível em <<http://www.crea-pr.org.br/ws/wp-content/uploads/2016/12/acessibilidade.pdf>>. Acesso em: 16 Mar. 2019.

ROTTA, S. O. **Eventos**: uma estratégia de comunicação interna no TECPAR. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2008 Disponível em <<https://tcconline.utp.br/media/tcc/2017/05/EVENTOS-UMA-ESTRATEGIA-DE-COMUNICACAO.pdf>>. Acesso em: 15 Fev. 2019

SÁ CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. de B. **Espaços Livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife. UFPE, 2000.

SANTANA, T. C. da S. **Percepção dos usuários nos espaços públicos**: Avaliação Pós-Ocupação em três praças. Natal, 2003. Dissertação (Mestrado). Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003. Disponível em <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/12338/1/PercepcaoUsu%C3%A1riosEspacos_Santana_2003.pdf>. Acesso em: 20 Mar. 2019.

SANTOS, M. G. A. dos. **Flexibilidade e mutação**: Proposta de um sistema modular flexível para habitação coletiva na Covilhã. Dissertação (mestrado). Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2012. Disponível em <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2370>>. Acesso em: 27 Fev. 2019.

SCHJETNAN, M.; PENICHE, M.; CALVILLO, J. **Princípios de Diseño Urbano Ambiental**. México: Limusa, 2008.

SCOPEL, V. G. **Percepções do Ambiente e a Influência das Decisões Arquitetônicas em Espaços de Trabalho**. USTJ, Universidade São Judas Tadeu. Revista Arq.Urb. n.13. São Paulo, 2015. Disponível em <<http://www.usjt.br/arq.urb/numero-13/9-vanessa-scopel.pdf>>. Acesso em 20 Fev. 2019.

SENAC, D. **Eventos**: Oportunidades de novos negócios. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2000.

SILVA, A. M. **Atratividade e Dinâmica de Apropriação de Espaços Públicos para o Lazer e Turismo**. Porto Alegre, UFRGS, 2009. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA, A. de S. **CIBER Cultural**. Porto Alegre: Sulina, 2004. Disponível em <https://repository.lib.ncsu.edu/bitstream/handle/1840.2/95/Tramas_1004.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 Fev. 2019.

SILVA, D. A. M. da; STOPPA, A. E.; ISAYAMA, H. F.; MARCELLINO, N. C.; MELO, V. A. de. **A importância da recreação e do lazer**. 1.ed. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/128023/CADERNO%20INTERATIVO%204.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 Fev. 2019.

SILVA, T. de O.; SILVA, L. T. G. **Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: Revista Psicopedagogia, vol. 34, nº 103. São Paulo, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009>. Acesso em: 12 Fev. 2019.

SIMEPAR, Sistema Meteorológico do Paraná. **Estações Meteorológicas do Simepar no Paraná**. 2019. Disponível em <http://www.simepar.br/prognozweb/simepar/dados_estacoes/24555296>. Acesso em: 20 Abr. 2019

SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1992. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/363322058/SITTE-a-Construcao-Das-Cidades-Segundo-Seus-Pr>>. Acesso em: 05 Mar. 2019.

SOUZA JÚNIOR, T. F. de. **Estruturas de Concreto Armado**. Universidade Federal de Lavras, 2016. Disponível em <http://www.tooluizrego.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/27/2790/30/arquivos/File/Disciplinas%20Conteudos/Quimica%20Subsequente/Quimica%20Inorganica/Carlos_3Sem_Concreto.pdf> Acesso em: 20 Dez. 2018.

SPADA, A. **Turismo e eventos**: os festejos farroupilhas de Caxias do Sul – RS. Dissertação (mestrado). Universidade de Caxias do Sul, 2013.

SPERANÇA, A.; SPERANÇA, R.; CARVALHO, S. C. R. **Ubiratã**: história e memória. Ubiratã: Gráfica Assoeste e Editora, 2008.

STROHMEIER, J. G. **Habitação de Interesse Social**: desenvolvimento de tipologias flexíveis de projeto arquitetônico para o bairro de Morobá, Aracruz. Faculdade Integradas de Aracruz, FAACZ. Aracruz, 2017. Disponível em <https://issuu.com/jessica_strohmeier/docs/tcc_jessica_gomes_strohmeier>. Acesso em: 20 Fev. 2019.

STOPPA, E. A. **Associativismo, Sociabilidade e Lazer**. In: Lazer e Cultura. Campinas: Alínea, 2007.

TAVARES, R. dos P.; COSTA, L. S. **Cultura e Arquitetura**: a metamorfose do tipo arquitetônico do edifício cultural. ARIC – Faculdade Damas da Instrução Cristã Architecton. Revista de Arquitetura e Urbanismo. Vol.

03, nº 04. Pernambuco, 2013. Disponível em <<https://docplayer.com.br/30005437-Cultura-e-arquitetura.html>>. Acesso em: 11 Fev. 2019.

UBIRATÃ. **Plano Diretor de Ubiratã:** Lei Complementar 005/2016 - Uso e Ocupação do Solo. Ubiratã: Prefeitura Municipal de Ubiratã, 2016.

_____. **Plano Diretor de Ubiratã:** Lei Complementar 015/2018 - Uso e Ocupação do Solo. Ubiratã: Prefeitura Municipal de Ubiratã, 2016.

_____. **Plano Diretor de Ubiratã:** Lei Complementar 004/2016 – Plano Diretor Municipal. Ubiratã: Prefeitura Municipal de Ubiratã, 2016.

VELOSO, D. **Organização de Eventos e Solenidades.** Goiânia: AB Editora, 2001.

VENTURI, R. **Complexidade e Contradição em Arquitetura.** 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

VIANA, L. Q.; RHEINGANTZ, P. A. **Arquitetura Contemporânea:** Abordando Coletivamente Lugar, Processo de Projeto e Materialidade. *Gestão & Tecnologia de Projetos, Brasil*, v. 7, n. 1, p. 20-37, 2012. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/gestaodeprojetos/article/view/51018/55085>> Acesso em: 10 Fev. 2019.

VIEIRA, I. **Centro Cultural de Eventos e Exposições de Cabo Frio.** 2018. Disponível em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/estudio-41_/centro-cultural-de-eventos-e-exposicoes-de-cabo-frio/1051>. Acesso em 10 Mai. 2019.

VOITILLE, N. **Arquitetura:** Qualidade de Vida. 2012. Disponível em <<http://www.cliquearquitetura.com.br/artigo/arquitetura-qualidade-de-vida.html>> Acesso em: 02 Jan. 2019.

WALL, E.; WATERMAN, T. **Desenho Urbano.** Porto Alegre: Bookman, 2012.

WEBER, N. **Assessoria de imprensa e a indústria de eventos.** *Revista dos Eventos*, nº 19. São Paulo, 2002.

ZANELLA, L. C. **Manual de organização de eventos:** Planejamento e Operacionalização. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Manual de organização de eventos:** Planejamento e Operacionalização. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

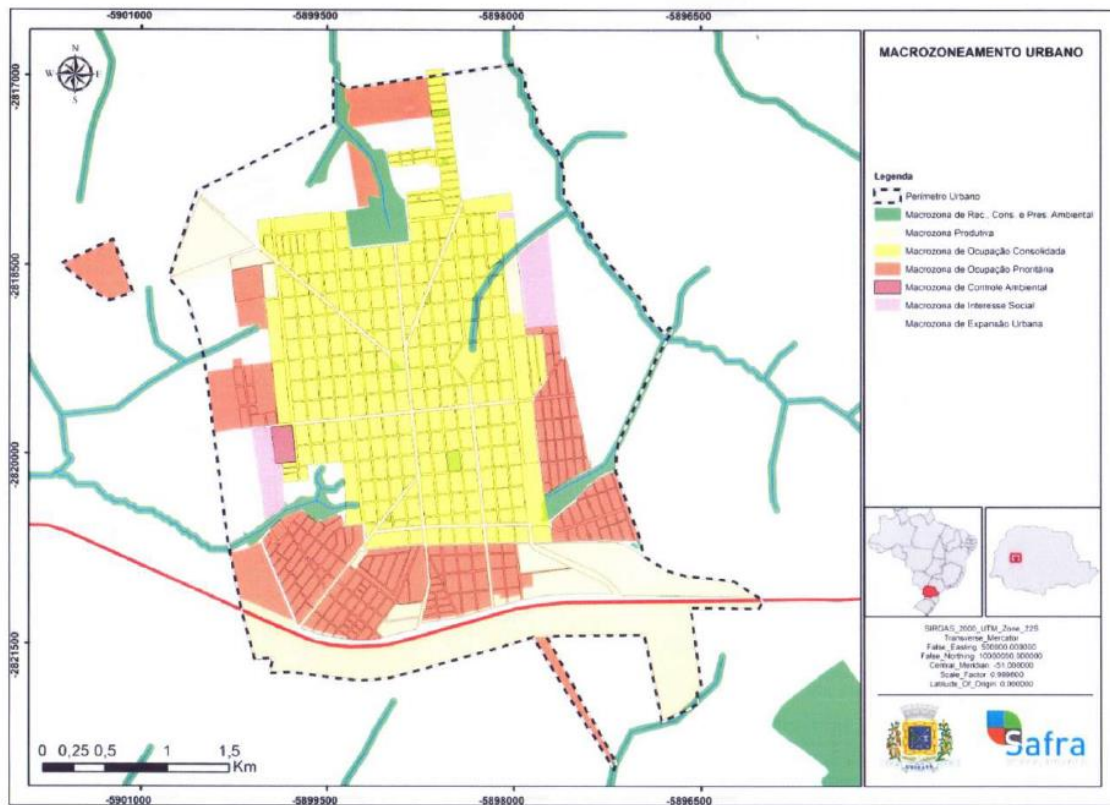
_____. **Manual de organização de eventos:** planejamento e operacionalização. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura.** 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. **Saber ver a arquitetura.** 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ANEXOS

ANEXO A – CONSULTA DO MACROZONEAMENTO URBANO



ANEXO B – CONSULTA DAS CONDICIONANTES DO TERRENO

ZONA DE COMÉRCIO E SERVIÇOS I			
USO			
	PERMITIDO	PERMISSÍVEL	PROIBIDO
HABITACIONAL	H1 H2 H3 H5	-	H4
SOCIAL E COMUNITÁRIO	E1	E2	E3
COMERCIAL E DE SERVIÇOS	CS1 CS2	CS3 CS4	-
INDUSTRIAL	I1	-	I2 I3 I4
OCUPAÇÃO			
Área Mínima do Lote de Meio de Quadra (m²)			300
Área Mínima do Lote de Esquina (m²)			350
Taxa de Ocupação Máxima (%)			70
Coeficiente de Aproveitamento			1,5
Número de Pavimentos			2
Altura Máxima - H (m)			9
Taxa de Permeabilidade Mínima (%)			20
Recuo Frontal Mínimo (m)			3
Afastamentos Mínimos (m)	Lateral		1,5
	Fundo		1,5
Testada Mínima do Lote (m)	Meio de Quadra		12
	Esquina		12

NOTAS:

1. H1: habitação unifamiliar / H2: habitação multifamiliar / H3: habitação unifamiliar em série / H4: habitação de interesse social / H5: habitação transitória / E1: equipamento comunitário local / E2: equipamento comunitário municipal / E3: equipamento comunitário de impacto / CS1: comércio e serviço vicinal / CS2: comércio e serviço de centralidade / CS3: comércio e serviço regional / CS4: comércio e serviço específico / I1: indústria caseira / I2: indústria incômoda / I3: indústria nociva / I4: indústria perigosa;
2. Para regularização na área já consolidada fica permitida a subdivisão nas construções geminadas já existentes com frente mínima de 7,50m (sete metros e cinquenta centímetros) e área mínima de terrenos de 225,00m² (duzentos e vinte e cinco metros quadrados);
3. Em caso de edificações comerciais e de serviços existentes no alinhamento predial em áreas urbanas consolidadas, deverá ser previsto o recuo mínimo necessário para a execução de rampas de acessibilidade universal (em conformidade com as dimensões especificadas na NBR 9050/2004 e nas demais normas, leis e disposições pertinentes) e de acessos de veículos ao lote ou em garagens com ou sem portão. No caso de portão basculante, será necessário o recuo mínimo para que o mesmo não invada o passeio público.